A Lei de Causa e Efeito é um princípio do Espiritismo?





Paulo Neto

A LEI DE CAUSA E EFEITO
é um princípio do Espiritismo?

(Versão 32)

"*A lei física de causa e efeito aplica-se no plano moral como lei de ação e reação, a lei cármica das religiões indianas.*" (HERCULANO PIRES)

"*O princípio espírita do encadeamento de todos os fatos e todas as coisas no sistema universal nos permite ver, por trás da roupagem moderna dos conflitos atuais, a continuidade inevitável da lei de ação e reação.*" (HERCULANO PIRES)

Paulo Neto

Copyright 2020 *by*
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

Ana Luísa Barroso da Silva Neto

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:

Paulo Neto
site: https://paulosnetos.net
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, novembro/2020.

Índice

Introdução.....4

Obras da Codificação Espírita.....14

a) O Livro dos Espíritos (1857/1860).....*14*

b) Revista Espírita 1858.....*35*

c) Revista Espírita 1859.....*35*

d) O Que é o Espiritismo (1859).....*37*

e) Revista Espírita 1860.....*44*

f) O Livro dos Médiuns (1861).....*47*

g) Revista Espírita 1861.....*50*

h) O Espiritismo na Sua Mais Simples Expressão (1862).....*54*

i) Revista Espírita 1863.....*56*

j) O Evangelho Segundo o Espiritismo (1864).....*61*

k) Revista Espírita 1864.....*76*

l) Revista Espírita 1865.....*86*

m) O Céu e o Inferno (1865).....*92*

n) Revista Espírita 1867.....*116*

o) A Gênese (1868).....*120*

p) Revista Espírita 1868.....*127*

q) Obras Póstumas (1890).....*135*

Fontes após o desencarne do Codificador.....138

Conclusão.....151

Referências bibliográficas.....158

Dados biográficos do autor.....161

Introdução

> "*A lei de causas e efeitos é o princípio fundamental da Doutrina, a evolução constitui a sua própria essência."* (HERCULANO PIRES, *Espiritismo Dialético*[1])

Temos em mãos o livreto ***O Evangelho (Como, porque e para que estudá-lo à luz da Doutrina Espírita)***, publicado pela UEM – União Espirita Mineira, instituição federativa do estado de Minas Gerais, cujo item 3.3 intitula-se "Princípios Fundamentais da Doutrina Espírita" ([2]), no qual se lê:

1 – Deus	9 – Pluralidade dos mundos habitados
2 – Jesus	10 – Imortalidade da Alma
3 – Espírito	11 – Vida futura
4 – Perispírito	12 – Plano espiritual
5 – Evolução	13 – Mediunidade
6 – Livre-arbítrio	14 – Influência dos Espíritos na nossa vida
7 – **Causa e efeito**	
8 – Reencarnação	15 – Ação dos Espíritos na natureza.

Desde 1987, época que ingressamos nas fileiras do Espiritismo, nunca tivemos a mínima dificuldade em aceitar todos os itens dessa lista como princípios doutrinários, embora não os vimos como definidos por todas as Federativas.

Em nossa maneira de pensar, pela **lei de causa e efeito** todas as nossas ações inevitavelmente geram as devidas consequências, que podem ser boas ou más conforme a sua correspondente origem.

É o que vemos nessa fala de Allan Kardec (1804-1869), em ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, na qual disse:

> Todavia, em virtude do axioma segundo o qual ***todo efeito tem uma causa***, tais misérias [do mundo] são efeitos que devem ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa. […]. ([3]) (itálico do original)

Mais recentemente apareceram sérios questionamentos quanto à **lei de causa e efeito**, item 7, quando alguns confrades supõem que, nas

obras da codificação espírita, não temos como obter apoio para este princípio.



Diante disso, tomamos a iniciativa de realizar essa pesquisa, visando clarear a questão, no sentido de defender a tese de que, sim, nela podemos encontrá-lo. Assim, nossa intenção não é rebater ou discutir com quem pensa diferente de nós, nossa meta é apenas o de olhar o aspecto doutrinário da questão.

Consultando o ***Dicionário de Filosofia Espírita***, publicado por Lamartine Palhano Jr (1946-2000), encontramos a seguinte definição:

> **CAUSA E EFEITO (LEI DE).** É a lei segundo a qual todas as ações humanas provocam um efeito correlato; se uma ação é boa os resultados serão favoráveis ao autor; se é má, o autor auferirá efeitos desfavoráveis e importunos. Essa lei está diretamente relacionada com a justiça de Deus que proporciona sempre o que se diz no axioma: *a cada um segundo as suas obras*. ([4]) (itálico do

original)

Estamos de pleno acordo com Palhano Jr que considera a lei de causa e efeito como diretamente relacionada com a justiça divina.

De ***Espiritismo: O Consolador Prometido***, autoria do escritor Djalma Argollo, capítulo “11 – Lei de Causa e Efeito”, transcrevemos:

> **Definição**
>
> Lei de Causa e Efeito ou Lei do Retorno Compulsório, **é aquela que estabelece que toda ação gera uma reação automática e de igual intensidade, a qual reverte sobre o agente, impreterivelmente**. É a equivalente psíquica da lei física de Ação e Reação. **Na Filosofia Hindu recebe o nome de Carma**, palavra sânscrita que significa ação.
>
> Esta lei cria um vínculo entre o ato e suas consequências, o qual faz o autor experimentar em si próprio a intensidade substancial da ação praticada.
>
> A Lei de Causa e Efeito é uma decorrência natural do funcionamento do psiquismo humano, e não de uma interferência externa, de qualquer natureza. Todas as ações humanas ficam registradas na psique, e associam-se de diversas

> formas, produzindo complexos diversos, que atuam sobre o comportamento, produzindo condições de êxito ou de autopunição, conforme o caráter ético vivenciado pelo indivíduo.
>
> A Lei do Retorno Compulsório se aplica a todo e qualquer ato da vida humana, nas dimensões espiritual, mental e emocional.
>
> Geralmente se exemplifica esta lei pela citação das consequências de nossas atitudes negativas, no relacionamento com o próximo. Naturalmente que estas são mais facilmente identificáveis, quando ao fato da colheita dos resultados, mas este enfoque negativo distorce a compreensão real da Lei de Ação e Reação Psíquica. Os atos nobres também produzem resultados que revertem sobre quem os pratica. Necessitamos entender que esta lei é a própria Justiça Divina em andamento.
>
> **Tudo o que fazemos, pensamos ou sentimos em todos os instantes da nossa vida está sob o seu império**, pois a Lei da Justa Retribuição, como também é conhecida, tem aplicação permanente e cobre, sem deixar a mínima brecha, todo o nosso ser e sua interação com o meio. ([5])

Inicialmente, informamos que todos os grifos em negrito, no texto normal e nas transcrições, são nossos; nessas últimas, quando ocorrer de não ser nós informaremos.

Com essa definição, poderemos nos situar

diante da compreensão do que significa a Lei de causa e efeito.

Não podemos deixar de recorrer ao escritor Carlos Torres Pastorino (1910-1980), destacado estudioso bíblico, visando saber se ele menciona algo na Bíblia a respeito da lei de causa e efeito. De ***Sabedoria do Evangelho – Vol. 2***, de sua autoria, transcrevemos:

> A Lei de Causa e Efeito (Lei do Carma), "cada um receberá de acordo com suas obras", está repetida à saciedade no Antigo e Novo Testamento, em pelo menos 30 passos, vejam-se os passos:
>
> **Deut**. 7:9-10; 24:16; **2.º Reis**, 14-6; **2.º Crôn**. 25:4; **Job**, 34:11; **Salmo**, 28:4; 62:12; **Prov**. 12:14; 24:12; 24:29; **Isaías**, 3:11; **Jer**. 31:29-30; **Lament**. 3:64, **Ezeq**. 18:1-32; 35:20; **Ecles**. 15:15; **Mat**. 3:10; 7:19; 16:27; 18:8-9; **Rom**. 2:6; 1 Cor. 3:14; **2 Cor.** 5:10; 9:6; 11:15; **Gal**. 6:4; **Ef**. 6:8; **Col**. 3:25; **2 Tim**. 4:14; **1 Pe**. 1:17; **Tiago**, 2:24; **Apoc**. 2:23; 20:12 e 22:12. (grifo do original)
>
> Não é, pois, **a Lei do Carma uma "invenção" moderna, mas uma verdade revelada em todo o decorrer das Escrituras**.
>
> **Quanto à convicção de que as enfermidades de uma existência são o resultado de erros cometidos na mesma ou em existência anterior, também as Escrituras nos dão frequentes**

> **ensinamento**s, bastando citar: “eu era um menino de boa índole, coube-me em sorte uma alma boa, o*u melhor, sendo bom, entrei num corpo sem defeitos*” (Sab. 15:19-20); e ainda: “pensais que esses galileus (que foram sacrifica dos por Pilatos) eram os maiores transgressores da Galileia e por isso sofreram essas coisas? Eu vos digo: NÃO. Mas enquanto não vos reformeis, todos sereis castigados dessa maneira” (Luc. 13:2-3); e mais, em João 9:2, quando por ocasião do cego de *nascença* “foi ele que pecou (e só poderia tê-lo feito em existência anterior) ou seus pais?”; e outra vez: “se tua mão ou teu pé… ou teu olho te são pedra de tropeço, corta-os e lança-os de ti: melhor te é entrares NA VIDA, manco, aleijado e cego” … (Mat. 18:8-9); ora, ninguém suporá que na vida espiritual haverá aleijões: é evidente que se trata de entrar na VIDA TERRENA aleijado e cego, o que explica esses defeitos nos recém-nascidos. ([6]) (grifo mencionado é do original)

Dessa lista de passagens a mais conhecida delas é Mateus 16,27:

> *“Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então,* ***retribuirá a cada um conforme as suas obras***.” ([7])

Por nossa vez, nas páginas da Bíblia, encontramos mais estas oito passagens que são favoráveis à tese. Usaremos como fonte a ***Bíblia Sagrada – Edição Pastoral***, uma publicação da Paulus Editora:

> Jó 4,8: *"Pelo que eu sei,* ***os que cultivam injustiça e semeiam miséria, são esses que as colhem****."*
>
> Jó 5,7: *"E* ***o homem gera seu próprio sofrimento****, como as faíscas voam para cima."*
>
> Isaías 26,10: *"****Se absolvermos o malvado, ele nunca aprende a justiça****; sobre a terra ele distorce as coisas direitas e não vê a grandeza de Javé."*
>
> Naum 1,3: *"Javé é lento para a ira e muito poderoso, mas* ***não deixa ninguém sem castigo****. [...]."*
>
> Mateus 26,52: *"Jesus, porém, lhe disse: 'Guarde a espada na bainha. Pois* ***todos os que usam a espada, pela espada morrerão****.'"*
>
> João 5,14: *"Mais tarde Jesus encontrou aquele homem no Templo e lhe disse: 'Você ficou curado.* ***Não peque de novo, para que não***

lhe aconteça alguma coisa pior.” (ao doente que se encontrava deitado numa cama há trinta e oito anos)

João 8,34: *“Jesus respondeu: 'Eu garanto a vocês:* ***quem comete o pecado, é escravo do pecado****.'”*

Gálatas 6,7: *“Não se iludam, pois com Deus não se brinca:* ***cada um colherá aquilo que tiver semeado****.”*

É oportuno informarmos que Mateus 14,6-12 e de Marcos 6,21-29 são os trechos do Novo Testamento que relatam a decapitação de João Batista, a mando de Herodes.

Sobre esse episódio, em ***Sabedoria do Evangelho – Vol. 3***, diz-nos Pastorino:

> **A decapitação de João Batista foi o resultado cármico de sua ação**, quando se manifestava na personalidade de Elias o Tesbita. Leia-se: “Disse Elias: agarrai os profetas de Baal: que nenhum deles escape! Agarraram-nos. Elias fê-los descer à torrente de Kishon e ali os matou”, 1º Reis, 18:40); a morte a eles dada foi exatamente a decapitação: “Referiu Ahab a Jezebel tudo o que Elias havia feito e como matara todos os profetas à espada” (1º Reis, 19:1). Portanto, **execução rígida da Lei**

> **de Causa e Efeito, confirmando as palavras de Jesus: “todos os que usam a espada, morrerão à espada**” (Mat. 26:52); não nos esqueçamos de que essa Lei é afirmada em mais de 30 lugares do Antigo e Novo Testamentos, sobretudo com a fórmula: “a cada um será dado conforme suas obras”. ([8])

Essas passagens, citadas por Carlos T. Pastorino e as acrescentadas por nós, fornecem bons exemplos de que nos textos bíblicos podemos encontrar a lei de causa e efeito, fato que vem provar que essa ideia não é propriamente fruto da crença espírita.

Obras da Codificação Espírita

Logo de início é preciso informar que por obras da Codificação Espírita nós entendemos somente aquelas publicadas pessoalmente por Allan Kardec.

Para as transcrições relativas ao nosso tema, usaremos a ordem cronológica de publicação.

a) *O Livro dos Espíritos* (1857/1860)

Ao longo dessa obra, encontramos várias afirmações dos Espírito, bem como alguns comentários do Codificador dos quais, facilmente, se pode depreender a lei de causa e efeito.

Mas antes de listarmos as respostas às questões propostas pelo Codificador, é importante definir o que vem a ser expiação, castigo e punição, termos que várias vezes aparecerão no decorrer das transcrições.

> **Expiação** Substantivo feminino: 1. Ato ou efeito de expiar; 2. Cumprimento da pena ou castigo (que se reputa equivalente à culpa ou delito); 3. Sacrifício

expiatório; penitência; 4. [Antigo] Preces para aplacar a divindade.

Tomando do sentido de "*cumprimento da pena ou castigo*" fica bem claro que algo de equivocado se fez antes, se assim for, e cremos que seja, então entenderemos como sendo aplicação da lei de causa e efeito.

Transcrevemos de uma mensagem de Paulo, apóstolo:

> Quem é, de fato, o culpado? É aquele que, por um desvio, por um falso movimento da alma, se afasta do objetivo da Criação, que consiste no culto harmonioso do belo, do bem, idealizados pelo arquétipo humano, pelo Homem-Deus, por Jesus Cristo. Que é o **castigo**? A consequência natural, derivada desse falso movimento; uma soma de dores necessária a desgostá-lo da sua deformidade, pela experimentação do sofrimento. O castigo é o aguilhão que excita a alma, pela amargura, a se dobrar sobre si mesma e a voltar ao porto de salvação. **O objetivo do castigo não é outro senão a reabilitação, a redenção.** Querer que o castigo seja eterno, por uma falta não eterna, é negar-lhe toda a razão de ser. - Paulo, apóstolo. ([9])

Podemos resumir dizendo que a expiação, o castigo ou a punição, são termos que dizem respeito ao bem que a Justiça Divina faz a nosso favor, caso contrário, não iríamos evoluir para atingir a meta que Deus traçou para todos nós seres humanos. Portanto, uma visão que a nega, demonstra falta de compreensão do amor que Deus tem para cada um de nós.

Vamos à lista do que encontramos, nessa primeira obra publicada pelo Codificador:

> Introdução, item VI: – os Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Esta melhora se efetua por meio da encarnação, que é imposta a uns como **expiação**, a outros como missão. A vida material é uma prova que lhes cumpre sofrer repetidamente, até que hajam atingido a absoluta perfeição moral; ([10])

> 113. […] [os Espíritos puros] Comandam a todos os Espíritos que lhes são inferiores, auxiliam-nos na obra de seu aperfeiçoamento e lhes designam as suas missões. Assistir os homens nas suas aflições, **concitá-los ao bem ou à expiação das faltas** que os conservam distanciados da suprema felicidade, constitui para eles ocupação gratíssima.

São designados às vezes pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins. **Podem os homens pôr-se em comunicação com eles**, mas extremamente presunçoso seria aquele que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens. ([11])

132. *Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?*

"Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. **Para uns, é expiação**; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. […]. ([12])

167. *Qual a finalidade da reencarnação?*

"**Expiação**, melhoramento progressivo da humanidade. **Sem isso, onde a justiça**?" ([13])

199. *Por que tão frequentemente a vida se interrompe na infância?*

"A duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que nela está encarnado, o complemento de existência precedente interrompida antes do término devido, e sua morte, quase sempre, provação ***ou expiação para os pais***." ([14]) (itálico do original)

224-b. *Essa duração está subordinada à vontade do Espírito, ou lhe pode ser imposta como expiação?*

"É uma consequência do livre-arbítrio. Os

Espíritos sabem perfeitamente o que fazem. mas, para alguns, e também **uma punição imposta por Deus**. Outros pedem que ela se prolongue, a fim de continuarem estudos que só podem ser efetuados com proveito na condição de Espírito livre.” ([15])

231. *Os Espíritos errantes são felizes ou infelizes?*

“Mais ou menos, de acordo com os seus méritos. Sofrem por efeito das paixões cujo princípio conservaram, ou são felizes segundo sejam mais ou menos desmaterializados. No estado de errante, o Espírito entrevê o que lhe falta para ser mais feliz e, desde então, procura os meios de alcançá-lo. **Nem sempre lhe é permitido reencarnar conforme sua vontade, o que constitui, para ele, uma punição**.” ([16])

246. *Os Espíritos precisam da luz para ver?*

“Veem por si mesmos, sem precisarem de luz exterior. Para eles não há trevas, a não ser aquelas em que podem achar-se **por expiação**.” ([17])

262-a. *Quando o Espírito goza do livre-arbítrio, a escolha da existência corpórea depende sempre, exclusivamente, de sua vontade, ou* ***essa existência lhe pode ser imposta, como expiação****, pela vontade de Deus?*

“Deus sabe esperar: não apressa a expiação. Entretanto, **pode impor determinada existência a um Espírito**, quando este, por sua inferioridade ou

má vontade, não está apto a compreender o que lhe seria mais benéfico, e quando vê que tal existência pode contribuir para a sua purificação e, ao mesmo tempo, **servir-lhe de expiação**.” ([18])

264. *O que guia o Espírito na escolha das provas que queira sofrer?*

“**Ele escolhe, de acordo com a natureza de suas faltas, as provas que o levem a expiá-las** e o façam progredir mais depressa. Uns, portanto, impõem a si mesmos uma vida de misérias e privações, a fim de tentarem suportá-las com coragem; outros preferem experimentar as tentações da riqueza e do poder, muito mais perigosas, pelo abuso e mau emprego que deles se possa fazer, e pelas paixões inferiores que uns e outros desenvolvem. Outros, finalmente, querem ser provados nas lutas que terão de sustentar no contato com o vício.” ([19])

273. *Um homem que pertence a uma raça civilizada poderia, por expiação, reencarnar numa raça de selvagens?*

“Sim, mas depende do **gênero da expiação**. Um senhor, que tenha sido cruel com os seus escravos, **poderá, por sua vez, tornar-se escravo e sofrer os maus-tratos que infligiu a outros**. Aquele que exerceu o mando em certa época pode, em nova existência, obedecer aos que se curvavam ante a sua vontade. **É uma expiação, que Deus lhe impõe, se abusou do seu poder**. […].” ([20])

289. *Nossos parentes e amigos vêm, algumas vezes, encontrar-se conosco quando deixamos a Terra?*

“Sim, os Espíritos vão ao encontro da alma a quem são afeiçoados. Felicitam-na, como se regressasse de uma viagem, por haver escapado aos perigos da estrada, e *ajudam-na a desprender-se dos laços corpóreos*. É uma graça concedida aos Espíritos bons quando os seres que os amam vêm ao seu encontro, ao passo que **aquele que se acha maculado permanece em isolamento ou só tem a rodeá-lo os que lhe são semelhantes. É uma punição**.” ([21]) (itálico do original)

290. *Os parentes e amigos sempre se reúnem depois da morte?*

“Depende de sua elevação deles e do caminho que seguem para progredir. Se um deles está mais adiantado e caminha mais depressa do que outro, não podem os dois conservar-se juntos; é possível que se vejam algumas vezes, mas só estarão reunidos para sempre quando poderem caminhar lado a lado, ou quando se houverem igualado na perfeição. Além disso, **a privação de ver os parentes e amigos é, às vezes, uma punição**.” ([22])

337. *A união do Espírito a determinado corpo ser imposta por Deus?*

“Pode ser imposta do mesmo modo que as diferentes provas, sobretudo quando o Espírito ainda não está apto para escolher com

conhecimento de causa. **Por expiação, o Espírito pode ser constrangido a se unir ao corpo de determinada criança** que, pelo seu nascimento e pela posição que venha a ocupar no mundo, poderá tornar-se para ele **um instrumento de castigo**." ([23])

372. *Qual é o objetivo da Providência ao criar seres infelizes, como **os cretinos e os idiotas**?*

"**São Espíritos em punição que habitam corpos de idiotas.** Esses Espíritos sofrem pelo constrangimento que experimentam e pela impossibilidade em que estão de se manifestarem por meio de órgãos não desenvolvidos ou defeituosos." ([24])

373. *Qual o mérito da existência de seres que, como **os cretinos e os idiotas**, não podendo fazer o bem nem o mal, não podem progredir?*

"É uma **expiação decorrente do abuso** que fizeram de certas faculdades. É uma pausa temporária." ([25])

393. ***Como pode o homem ser responsável por atos e resgatar faltas de que se não lembra**? Como pode aproveitar da experiência de existências que caíram no esquecimento? Concebe-se que as tribulações da vida lhe servissem de lição, se pudesse lembrar-se do que as originou. Mas, desde que não se recorda disso, cada existência é, para ele, como se fosse a primeira, estando, desse modo, sempre a recomeçar. Como conciliar isto com a Justiça de*

Deus?

"A cada nova existência, o homem tem mais inteligência e pode distinguir melhor o bem do mal. Onde estaria o mérito, se ele se lembrasse de todo o passado? Quando o Espírito retorna volta à vida primitiva – a vida espiritual – toda a sua vida passada se desdobra diante dele. **Vê as faltas que cometeu e que são a causa de seu sofrimento**, bem como aquilo que poderia tê-lo impedido de cometê-las. Compreende que a posição em que se encontra é justa e **busca então uma existência em que possa reparar a que acaba de transcorrer**. Escolhe provas semelhantes àquelas por que passou ou as lutas que considere apropriadas ao seu adiantamento e pede a Espíritos que lhes são superiores que o ajudem na nova tarefa que porá em execução, porque sabe que o Espírito que lhe será dado por guia nessa nova existência procurará levá-lo **a reparar suas faltas** dando-lhe uma espécie de *intuição* das que ele cometeu. […]. ([26]) (itálico do original)

399. *Sendo as vicissitudes da vida corpórea expiação das faltas do passado e, ao mesmo tempo, provas para o futuro, segue-se que da natureza de tais vicissitudes se possa deduzir o gênero da existência anterior?*

"Muito frequentemente, pois **cada um é punido naquilo em que pecou**. Entretanto, não se deve tirar daí uma regra absoluta. As tendências instintivas são um indício mais seguro, pois as provas por que passa o Espírito tanto se referem ao futuro quando ao passado."

Os dois últimos parágrafos dos comentários de Allan Kardec:

As vicissitudes da vida corpórea constituem expiação das faltas do passado e, simultaneamente, provas com relação ao futuro. Depuram-nos e elevam-nos, se as suportamos resignados e sem murmurar.

A natureza das vicissitudes e das provas que sofremos também nos **pode esclarecer sobre o que fomos e o que fizemos, do mesmo modo que neste mundo julgamos os atos de um culpado pelo castigo que lhe inflige a lei**. Assim, o orgulhoso será **castigado** no seu orgulho pela humilhação de uma existência subalterna; o mau rico e o avarento, pela miséria; o que foi cruel para os outros, pelas crueldades que sofrerá; o tirano, pela escravidão; o mau filho, pela ingratidão de seus filhos; o preguiçoso, por um trabalho forçado etc. ([27])

578. *O Espírito pode falir em sua missão por sua própria culpa?*

"Sim, se não for um Espírito superior."

578-a. *Quais são para ele as consequências?*

"Terá que retomar a tarefa; essa a sua **punição**. Depois **sofrerá as consequências do mal que haja causado**." ([28])

639. *O mal que cometemos não resulta muitas vezes da posição em que os outros homens nos*

colocaram? Quais são, nesse caso, os mais culpados?

"**O mal recai sobre aquele que foi o seu causador**. Assim, o homem que é levado a praticar o mal pela posição em que seus semelhantes os colocaram é menos culpado do que aquele que causaram esse mal, porque **cada um será punido não só pelo mal que haja feito, mas também pelo mal que tenha provocado**." ([29])

642. *Para agradar a Deus e assegurar a sua posição futura, bastará que o homem não pratique o mal?*

"Não; é preciso que faça o bem no limite de suas forças, pois **cada um responderá por todo mal *que haja resultado de não haver praticado o bem***." ([30]) (itálico do original)

663. *As preces que fizermos por nós mesmos podem mudar a natureza de nossas provas e desviar-lhes o curso?*

"As vossas provas estão nas mãos de Deus e existem algumas que devem ser suportadas até o fim. Deus, porém, sempre leva em conta a resignação. A prece atrai para vós os Espíritos bons que, ao vos darem a força de suportá-las com coragem, faz que elas vos pareçam menos rudes. Já dissemos que a prece nunca é inútil, quando benfeita, porque fortalece aquele que ora, o que é um grande resultado. Ajuda-te a ti mesmo e o Céu te ajudará, bem o sabes. Além disso, **Deus não pode mudar a ordem da Natureza ao sabor de**

cada um, porque aquilo que é um grande mal, do vosso ponto de vista mesquinho e do da vossa vida efêmera, é quase sempre um grande bem na ordem geral do Universo. Além disso, de quantos males o homem não é o próprio autor, pela sua imprevidência ou pelas suas faltas! **Ele é punido naquilo em que pecou**. Entretanto, os vossos pedidos justos são atendidos muito mais vezes do que supondes. Julgais que Deus não vos ouviu porque não fez um milagre em vosso favor quando vos assiste por meios tão naturais que vos parecem obra do acaso ou da força das circunstâncias. Muitas vezes também, e é o que quase sempre acontece, Ele vos sugere a ideia necessária para vos desembaraçardes por vós mesmos das dificuldades que enfrentais." ([31])

745. *Que se deve pensar daquele que promove a guerra em benefício próprio?*

"Esse é o verdadeiro culpado. **Precisará de muitas existências para expiar** todos os assassínios dos quais foi a causa, pois **responderá por cada homem cuja morte tenha causado para satisfazer à sua ambição**." ([32])

764. *Disse Jesus:* Quem matou com a espada morrerá pela espada. *Estas palavras não consagram a pena de talião e, assim, a morte imposta ao assassino não constitui a aplicação dessa pena?*

"Cuidado! Estais equivocados quanto a estas palavras, como sobre muitas outras. **A pena de talião é a Justiça de Deus; é Ele quem a aplica.**

Todos vós sofreis essa pena a cada instante, pois sois punidos naquilo em que haveis pecado, nesta vida ou em outra. **Aquele que provocou o sofrimento de seus semelhantes virá a achar-se numa condição em que sofrerá o que tenha feito sofrer os outros**. É este o sentido das palavras de Jesus. […].” ([33])

807. *Que se deve pensar dos que abusam da superioridade de suas posições sociais para oprimir os fracos em benefício próprio?*

“Merecem anátema! Ai deles! Serão oprimidos por sua vez e ***renascerão*** **numa existência em que sofrerão tudo o que tiverem feito sofrer aos outros**.” ([34])

847. *A aberração das faculdades tira ao homem o livre-arbítrio?*

“Aquele cuja inteligência é perturbada por uma causa qualquer não é mais senhor do seu pensamento e, desde então, já não tem liberdade. **Essa aberração constitui muitas vezes uma punição para o Espírito que, em outra existência, tenha sido fútil e orgulhoso, ou possa ter utilizado mal as suas faculdades.** Esse Espírito **poderá renascer no corpo de um idiota, como o déspota no corpo de um escravo e o mau rico no de um mendigo**. Mas o Espírito sofre por efeito desse constrangimento, do qual tem perfeita consciência; é aí que está a ação da matéria.” (371 e seguintes.) ([35])

855. *Qual o objetivo da Providência ao nos fazer*

correr perigos que acabam não tendo nenhuma consequência?

"O fato de tua vida ser posta em perigo constitui um aviso que tu mesmo desejaste, a fim de te desviares do mal e te tornares melhor. Se escapas desse perigo, refletes mais ou menos seriamente, ainda sob a influência do risco que correste, em te melhorares, conforme seja mais ou menos forte sobre ti a influência dos Espíritos bons. Vindo em seguida o mau Espírito – digo mau, subentendendo o mal que ainda existe nele – pensas que escaparás igualmente de outros perigos e deixas que tuas paixões se desencadeiem novamente. Por meio dos perigos que correis, Deus vos lembra a vossa fraqueza e a fragilidade da vossa existência. Se examinardes a causa e a natureza do perigo, vereis que, **na maioria das vezes, que suas consequências teriam sido a punição de uma falta cometida** ou de um dever negligenciado. Deus, vos adverte dessa forma para que reflitais e vos corrijais." (526 a 532) ([36])

920. *O homem pode gozar de completa felicidade na Terra?*

"Não, porque a vida lhe foi dada como prova ou **expiação**. Depende dele, porém, amenizar os seus males e ser tão feliz quanto possível na Terra." ([37])

939. *Uma vez que os Espíritos simpáticos são levados a unir-se, como é que, entre os encarnados, muitas vezes a afeição existe apenas de um dos lados e o amor mais sincero seja acolhido com indiferença e até com repulsa? Como*

é, além disso, que a mais viva afeição entre dois seres pode transformar-se em antipatia e mesmo em ódio?

"Então não compreendes que **se trata de punição, embora passageira**? Depois, quantos não são os que acreditam amar perdidamente, porque apenas julgam pelas aparências, mas que, obrigados a viver com as pessoas, não tardam a reconhecer que não passava de entusiasmo material! Não basta uma pessoa estar enamorada de outra que lhe agrada e em quem supõe belas qualidades; é vivendo realmente com ela que poderá apreciá-la. […]." ([38])

948. *O suicídio que tem por fim escapara à vergonha de uma ação má é tão reprovável quanto o que tem por causa o desespero?*

"O suicídio não apaga a falta. Ao contrário, em vez de uma, haverá duas. Quando se teve a coragem de praticar o mal, é preciso tê-la também para lhe sofrer as consequências. **Deus é quem julga e, algumas vezes, conforme a causa, pode abrandar os rigores de sua justiça.**" ([39])

957. Comentário de Allan Kardec:

A afinidade que permanece entre o Espírito e o corpo produz, nalguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo no Espírito, que, assim, a seu malgrado, sente os efeitos da decomposição, donde lhe resulta uma sensação cheia de angústias e de horror, estado esse que também pode durar pelo tempo que devia durar a

vida que sofreu interrupção. Não é geral este efeito; mas, **em caso algum, o suicida fica isento das consequências da sua falta de coragem e, cedo ou tarde, expia, de um modo ou de outro, a culpa em que incorreu**. Assim é que certos Espíritos, que foram muito desgraçados na Terra, disseram ter-se suicidado na existência precedente e submetido voluntariamente a novas provas, para tentarem suportá-las com mais resignação. […] A maior parte deles sofre o pesar de haver feito uma coisa inútil, pois que só decepções encontram. ([40])

962. Comentário de Allan Kardec:

A consequência da realidade da vida futura decorre da responsabilidade dos nossos atos. **À razão e a justiça dizem que, na partilha da felicidade a que todos aspiram, os bons e os maus não podem estar confundidos.** Não é possível que Deus queira que uns gozem, sem trabalho, de bens que outros só alcançam com esforço e perseverança.

A ideia que Deus nos dá de sua justiça e de sua bondade, mediante a sabedoria de suas leis, **não nos permite acreditar que o justo e o mau estejam na mesma categoria a seus olhos, nem duvidar de que recebam, algum dia, um a recompensa, o outro o castigo,** pelo bem ou pelo mal que tenham feito. É por isso que o sentimento inato que temos da justiça nos dá a intuição das penas e recompensas futuras. ([41])

964. *Há necessidade de que Deus ocupe de cada um dos nossos atos, para nos recompensar*

ou punir? A maioria desses atos não são insignificantes para Ele?

"Deus tem suas leis a regerem todas as vossas ações. Se as violais, vossa é a culpa. Indubitavelmente, quando um homem comete um excesso qualquer, Deus não profere contra ele um julgamento, dizendo-lhe, por exemplo: 'foste guloso, vou punir-te.' Ele traçou um limite; as enfermidades e muitas vezes a morte são a consequência dos excessos. **Eis aí a punição: é o resultado da infração da lei**. Assim em tudo."

Comentário de Allan Kardec: Todas as **nossas ações** estão submetidas às leis de Deus. **Não há nenhum ato, *por mais insignificante que nos pareça*, que não possa ser uma violação daquelas leis**. Se sofremos as consequências dessa violação, só nos devemos queixar de nós mesmos, que desse modo nos tornamos os artífices de nossa felicidade ou da nossa infelicidade futura. ([42]) (itálico do original)

973. *Quais os maiores sofrimentos que os Espíritos maus podem suportar?*

"**Não há descrição possível das torturas morais que constituem a punição de certos crimes**. Mesmo o que as sofre teria dificuldade em vos dar delas uma ideia desses suplícios. Mas, com toda certeza, a mais terrível é o pensamento de que estão condenados para sempre."

A ideia que os homens fazem das penas e gozos de alma após a morte será mais ou menos elevada, conforme o estado de sua inteligência.

[…] Ensinando-nos que a alma é um ser todo espiritual, a razão, mais esclarecida, nos diz, por isso mesmo, que ela não pode ser atingida pelas impressões que apenas sobre a matéria atuam. Não se segue, porém, daí que esteja isenta de sofrimentos, **nem que não receba o castigo de suas faltas**. (237)

As comunicações espíritas têm como resultado mostrar-nos o estado futuro da alma, não mais em teoria, porém na realidade. Põem-nos diante dos olhos todas as peripécias da vida de além-túmulo. Ao mesmo tempo, mostram-nos essas peripécias como consequências perfeitamente lógicas da vida terrena e, embora despojadas do aparato fantástico que a imaginação dos homens, não deixam de ser menos pessoais para os que fizeram mau uso de suas faculdades. A diversidade dessas consequências é infinita, mas, em tese geral, **pode-se dizer: cada um é punido por aquilo em que pecou**. Assim é que uns o são pela incessante visão do mal que fizeram; outros, pelo pesar, pelo temor, pela vergonha, pela dúvida, pelo isolamento, pelas trevas, pela separação dos entes que lhes são caros etc. ([43])

983. *O Espírito que expia suas faltas em nova existência não experimenta sofrimentos materiais? Será então exato dizer-se que para a alma, depois da morte, só há sofrimentos morais?*

"É bem verdade que, quando a alma está reencarnada, as tribulações da vida representam um sofrimento para ela, mas só o corpo sofre

materialmente.

Muitas vezes, falando de alguém que morreu, dizeis que ele deixou de sofrer. Nem sempre isto é verdade. Como Espírito, não sofre mais dores físicas, **embora esteja sujeito, conforme as faltas que cometeu, a dores morais mais agudas**; pode mesmo vir a ser ainda mais infeliz em nova existência. O mau rico pedirá esmola e estará sujeito a todas as privações da miséria; o orgulhoso, a todas as humilhações; o que abusa de sua autoridade e trata com desprezo e crueldade os seus subordinados se verá forçado a obedecer a um patrão mais duro do que ele o foi. **Todas as penas e tribulações da vida são expiação das faltas de outra existência, quando não a consequência das da vida atual**. Logo que houverdes saído daqui, compreendereis isso. (273, 393 e 399) ([44])

984. *As vicissitudes da vida são sempre a punição das faltas atuais?*

"Não; como já dissemos, são provas impostas por Deus ou que vós mesmos escolhestes como Espírito, antes de encarnardes, para **expiação das faltas cometidas em outra existência, porque jamais fica impune a infração das Leis de Deus** e, sobretudo, da lei de justiça. **Se não for punida nesta existência, será necessariamente em outra**. Eis por que aquele que vos parece justo, muitas vezes, sofre. **É o passado que o pune**." ([45])

998. A expiação se cumpre no estado corpóreo ou no estado espiritual?

> “**A expiação se cumpre durante a existência corpórea**, por meio de provas a que o Espírito se acha submetido **e, na vida espiritual**, pelos sofrimentos morais inerentes ao estado de inferioridade do Espírito.” ([46])

> 1006. Da resposta de São Luís: “[…] [Deus] Jamais o priva do seu livre-arbítrio, **se deste faz mau uso, sofrerá as consequências**.” ([47])

> Conclusão, item V: O Espiritismo é forte porque se apoia sobre as próprias bases da religião: Deus, a alma, **as penas e as recompensas futuras**; é forte, sobretudo, porque **mostra que essas penas e recompensas como consequências naturais da vida terrestre** e também porque, no quadro que apresenta do futuro, nada há que a razão mais exigente possa recusar. […]. ([48])

Como se vê são abundantes as provas a favor da existência do princípio da lei de causa e efeito que surgem dessa obra. Somente se mantiver os olhos fechados é que não se consegue vê-las.

Foi necessário separarmos, deixando-a fora da sequência numérica, esta questão de ***O Livro dos Espíritos***, inserida no tópico “Escolha das provas”:

> 258. *No estado errante e antes de começar*

nova existência corpórea, o Espírito tem consciência e previsão das coisas que lhe vão acontecer durante a vida?

"Ele próprio escolhe **o gênero de provas** que deseja sofrer e nisso consiste o seu livre-arbítrio."

258-a. *Não é Deus, então, que lhe* ***impõe as tribulações da vida, como castigo****?*

"Nada acontece sem a permissão de Deus, pois foi Ele que estabeleceu todas as leis que regem o Universo. Perguntai, então, por que fez tal lei, e não outra? Dando ao Espírito a liberdade de escolher, Deus lhe deixa toda a responsabilidade de seus atos e de suas consequências. Nada entrava o seu futuro; o caminho do bem, como o do mal, lhe estão abertos. Se vier a sucumbir, resta-lhe o consolo de que nem tudo se acabou para ele e que Deus, em sua bondade, deixa-o livre para recomeçar o que foi mal feito. Além disso, é preciso distinguir o que é obra da vontade de Deus do que é obra da vontade do homem. Se um perigo vos ameaça, não fostes vós quem o criou, e sim Deus; tivestes, porém, o desejo de vos expordes a ele porque nele vistes um meio de progredirdes, e Deus o permitiu." ([49])

O tema aqui tratado é sobre provas, e essas, de fato, são escolhas do Espírito. As expiações em casos esporádicos podem ser escolhidas, mas é algo que o Espírito deverá passar, não tem o livre-arbítrio

para se livrar dele.

b) *Revista Espírita 1858*

Do artigo “Da pluralidade das existências corpóreas”, publicado no mês de outubro, destacamos:

> […] **O ensino dos Espíritos** é eminentemente cristão; **apoia-se sobre** a imortalidade da alma, **as penas e as recompensas futuras**, o livre arbítrio do homem, a moral do Cristo; portanto, não é antirreligiosa. ([50])

Ora, não temos como negar que “*as penas e as recompensas futuras*” ligam-se, por lógica, à lei de causa e efeito, ou seja, elas serão o resultado de ações anteriores dos indivíduos.

c) *Revista Espírita 1859*

No mês de janeiro, Allan Kardec publica a carta enviada à sua Alteza o Príncipe G., da qual merece destaque:

> *Qual pode ser a utilidade da propagação das*

ideias espíritas? – O Espiritismo, sendo a prova palpável, evidente da existência, da individualidade e da imortalidade da alma, é a destruição do Materialismo. Essa negação de toda religião, essa praga de toda sociedade. O número dos materialistas que foram conduzidos a ideias mais sadias é considerável e aumenta todos os dias: só isso seria um benefício social. Ele não prova somente a existência da alma e sua imortalidade; **mostra o estado feliz ou infeliz delas segundo os méritos desta vida. As penas e as recompensas futuras não são mais uma teoria, são um fato patente que se tem sob os olhos**. Ora, como não há religião possível sem a crença em Deus, na imortalidade da alma, **nas penas e nas recompensas futuras**, se o Espiritismo conduz a essas crenças aqueles em que estavam apagadas, disso resulta que é o mais poderoso auxiliar das ideias religiosas: dá a religião àqueles que não a têm; fortifica-a naqueles em que ela é vacilante; […].

Se considerarmos agora a moral ensinada pelos Espíritos superiores, ela é toda evangélica, é dizer tudo: prega a caridade cristã em toda a sua sublimidade; faz mais, **mostra a sua necessidade para a felicidade presente e futura, porque as consequências do bem e do mal que fazemos estão ali diante dos nossos olhos**. Conduzindo os homens aos sentimentos de seus deveres recíprocos, o Espiritismo neutraliza o efeito das doutrinas que subversivas da ordem social. ([51])

Se a felicidade ou a infelicidade é de acordo com os méritos desta vida, então, estamos falando de lei de causa e efeito, o que também se corrobora com a ideia de penas e recompensas futuras.

d) *O Que é o Espiritismo* (1859)

No capítulo “I – Terceiro Diálogo – O Padre”, Allan Kardec, explica:

> **A duração do castigo é subordinada ao melhoramento do Espírito culpado**. Nenhuma condenação por tempo determinado é pronunciada contra ele. O que Deus exige, para pôr um termo aos sofrimentos, é o arrependimento, a expiação e a *reparação*; em uma palavra, um melhoramento sério e efetivo, uma volta sincera ao bem. **O Espírito é assim o árbitro de sua própria sorte; sua pertinácia no mal prolonga-lhe os sofrimentos; seus esforços para fazer o bem os minoram ou abreviam**. Sendo a duração da pena subordinada ao arrependimento, o Espírito culpado, que não se arrependesse e nunca se melhorasse, sofreria sempre, e para ele então a pena seria eterna. Essa eternidade de penas deve ser entendida no sentido relativo, e não no absoluto. Uma condição inerente à inferioridade do Espírito é não ver o termo da sua situação e crer que há de sofrer sempre – o que é para ele um castigo. Desde que, porém, sua alma se abra ao

> arrependimento, Deus lhe faz entrever um raio de esperança. ([52]) (itálico do original)

No capítulo “II – Noções elementares de Espiritismo”, tópico “Dos Espíritos”, lemos:

> 17. Os Espíritos possuem todas as percepções que tinham na Terra, porém em grau mais alto, porque as suas faculdades não estão amortecidas pela matéria; eles têm sensações desconhecidas por nós, veem e ouvem coisas que os nossos sentidos limitados não nos permitem ver nem ouvir. Para eles não há obscuridade, **excetuando-se aqueles que, por punição, se acham temporariamente nas trevas**. ([53])

Essa região (ou local) de trevas, na qual alguns Espíritos ficam por punição, não seria o Umbral? Ou, quem sabe, algo bem semelhante a ele?

Do item 100, do tópico “Consequência do Espiritismo”, do capítulo “II – Noções elementares de Espiritismo”, destacamos:

> As almas que se manifestam, **nos revelam suas alegrias ou seus sofrimentos, segundo o modo por que empregaram o tempo de vida**

> **terrena**; nisto **temos a prova das penas e recompensas futuras**.
>
> Descrevendo-nos seu estado e situação, as almas ou Espíritos **retificam as ideias falsas que faziam da vida futura** e, principalmente, acerca da natureza e duração das penas.
>
> Passando assim a vida futura do estado de teoria vaga e incerta ao de fato conhecido e positivo, **aparece a necessidade de trabalhar o mais possível, durante a vida presente, que é tão curta, em proveito da vida futura, que é indefinida**. ([54])

A nossa "sorte" futura tem uma relação direta com a nossa maneira de agir, pensar e proceder, bem ao que Jesus disse: *"e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras"* (Mateus 16,27) ([55])

Ainda nessa obra, capítulo "III – Solução de alguns problemas pela Doutrina Espírita", tópico "O homem durante a vida terrena", encontramos a seguinte questão:

> a) O homem durante a vida terrena
>
> 123. *Por que há maus pais e maus filhos?*
>
> São Espíritos que não se ligaram na mesma família por simpatia, mas com o fim de servirem de

instrumentos de provas uns aos outros e, **muitas vezes, para punição do que foram em existência anterio**r; a um é dado um mau filho, porque também ele o foi; a outro, um mau pai, pelo mesmo motivo, ***a fim de que sofram a pena de talião***. (*Revue Spirite*, setembro de 1861, *La Pine du talion*.) ([56]) (itálico do original)

134. *Por que nascem alguns na indigência e outros na opulência? Por que vemos tantas pessoas nascerem cegas, surdas, mudas ou afetadas de moléstias incuráveis, quando outras possuem todas as vantagens físicas? Será um efeito do acaso, ou um ato da Providência?*

Se fosse do acaso, a Providência não existiria. Admitida, porém, a Providência, perguntamos como se conciliam esses fatos com a sua bondade e justiça? É **por falta de compreensão da causa de tais males que muitos se arrojam a acusar Deus**.

Compreende-se que quem se torna miserável ou enfermo, por suas imprudências ou por excessos, seja punido por onde pecou: porém, ***se a alma é criada ao mesmo tempo que o corpo*, que fez ela para merecer tais aflições, d*esde o seu nascimento***, ou para ficar isenta delas?

Se admitimos a Justiça de Deus, **não podemos deixar de admitir que esse efeito tem uma causa**; e se esta causa não se encontra na vida presente, deve achar-se antes desta, porque **em todas as coisas *a causa deve preceder ao efeito***; há, pois, necessidade de a alma já ter

vivido, para que possa merecer uma expiação.

Os estudos espíritas nos mostram, de fato, que mais de **um homem, nascido na miséria, foi rico e considerado em uma existência anterior, na qual fez mau uso da fortuna** que Deus o encarregara de gerir; que mais de um, **nascido na abjeção, foi anteriormente orgulhoso e prepotente**, abusou do poder para oprimir os fracos. Esses estudos no-los fazem ver, muitas vezes, sujeitos àqueles a quem trataram com dureza, entregues aos maus-tratos e à humilhação a que submeteram os outros.

Nem sempre uma vida penosa é expiação; muitas vezes é prova escolhida pelo Espírito, que vê um meio de avançar mais rapidamente, conforme a coragem com que saiba suportá-la.

A riqueza é também uma prova, mas muito mais perigosa que a miséria, pelas tentações que dá e pelos abusos que enseja; também o exemplo dos que viveram, demonstra ser ela uma prova em que a vitória é mais difícil. A diferença das posições sociais seria a maior das injustiças – quando não seja o resultado da conduta atual –, se ela não tivesse uma compensação. A convicção que dessa verdade adquirimos, pelo Espiritismo, nos dá força para suportarmos as vicissitudes da vida e aceitarmos a nossa sorte, sem invejar a dos outros.

135. ***Por que há homens idiotas e imbecis****?*

A posição dos idiotas e dos imbecis seria a menos conciliável com a Justiça de Deus, na hipótese da unicidade da existência. Por miserável

que seja a condição em que o homem nasça, ele poderá sair dela por sua inteligência e trabalho; o idiota e o imbecil, porém, são votados, desde o nascimento até a morte, ao embrutecimento e ao desprezo; para eles não há compensação possível. Por que foi, então, sua alma criada idiota?

Os estudos espíritas, feitos acerca dos imbecis e idiotas, provam que suas almas são tão inteligentes como as dos outros homens; que essa enfermidade é uma expiação infligida a Espíritos que abusaram da inteligência, e sofrem cruelmente por se sentirem presos, em laços que não podem quebrar, e pelo desprezo de que se veem objeto, quando, talvez, tenham sido tão considerados em encarnação precedente. (Ver *Revue Spirite*, *L'Esprit d'un idiot.* um idiota; Idem, 1861, Os cretinos.) ([57]) (itálico do original)

b) O homem depois da morte

158. *Qual, na vida futura, a sorte das crianças que morrem em tenra idade?*

Esta questão é uma das que melhor provam a justiça e a necessidade da pluralidade das existências. Uma alma que só tiver vivido alguns instantes, sem fazer nem bem nem mal, não pode merecer prêmio nem castigo, pois, **segundo a máxima do Cristo – *cada um é punido ou recompensado conforme suas obras*** – é tão ilógico como contrário à justiça de Deus admitir-se que, sem trabalho, essa alma seja chamada a gozar da bem-aventurança dos anjos, ou que desta se veja privada; *entretanto, ela deve ter um destino*

> *qualquer*. Um estado misto, por toda a eternidade, seria igualmente uma injustiça. Uma existência logo em começo interrompida, não podendo, pois, ter consequência alguma para a alma, tem por sorte atual o que mereceu da existência anterior, e futuramente o que vier a merecer em suas existências ulteriores. ([58]) (itálico do original)
>
> 162. *Em que consistem os gozos das almas felizes? Passam elas a eternidade em contemplação?*
>
> **A justiça quer que a recompensa seja proporcional ao mérito, como a punição à gravidade da falta**; há, pois, graus infinitos nos gozos da alma, desde o instante em que ela entra no caminho do bem, até aquele em que atinge a perfeição. […].
>
> O estado de contemplação perpétua seria uma felicidade estúpida e monótona; seria a ventura do egoísta, uma existência interminavelmente inútil. ([59])

"*Muitas vezes, por punição do que foram em existência anterior*", "*essa enfermidade é uma expiação infligida a Espíritos que abusaram da inteligência*" e "*A justiça quer que a recompensa seja proporcional ao mérito, como a punição à gravidade da falta*" são, entre vários outros, destaques que sedimentam a concepção da lei de causa e efeito

como princípio doutrinário.

e) *Revista Espírita 1860*

Em janeiro, Allan Kardec publica o artigo “O Espiritismo em 1860”, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

> […] Sim, o **Espiritismo** é forte, mais forte que vós, porque **se apoia sobre** as próprias bases da religião: Deus, a alma, **as penas e as recompensas futuras baseadas no bem e no mal que se fez**, vós vos apoiais sobre a incredulidade; ele convida os homens à felicidade, à esperança, à verdadeira fraternidade; vós, vós lhes ofereceis o NADA por perspectiva e o EGOÍSMO por consolação; ele explica tudo, vós não explicais nada; ele prova pelos fatos, e vós não provais nada; como quereis que se oscile entre as duas doutrinas? ([60])

O que seria “*as penas e as recompensas futuras baseadas no bem e no mal que se fez*” senão a inquestionável aplicação da lei de causa e efeito? Há que se fazer um enorme esforço de inteligência para fugir dessa realidade.

No mês de junho, foi publicado o artigo “O

Espírito de um idiota", onde consta o diálogo estabelecido com Charles de Saint-G..., um jovem idiota de treze anos, do qual destacamos:

> 6. Sentis, como Espírito, um sentimento penoso de vosso estado corpóreo? – R. Sim, uma vez que **é uma punição**.
>
> 7. Lembrai-vos de vossa existência precedente? – R. Oh! Sim; **foi a causa de meu exílio na presente**.
>
> 8. Qual foi essa existência? – R. Um jovem libertino ao tempo de Henrique III.
>
> 9. Dissestes que **a vossa condição atual é uma punição; portanto, não a escolhestes? – R. Não**.
>
> 10. Como a vossa existência atual pode servir ao vosso adiantamento, no estado de nulidade em que estais? – R. Ela não é nula para mim diante de **Deus que ma impôs**. ([61])

O próprio Espírito manifestante reconhece que sua idiotia é consequência de mau ato praticado no passado.

No mês de outubro, há o registro da "Resposta do Sr. Allan Kardec", no caso, ao Sr. redator da *Gazette de Lyon*, da qual destacamos:

> […] **O Espiritismo está inteiramente fundado sobre** o princípio da existência da alma, sua sobrevivência ao corpo, sua individualidade depois da morte, sua imortalidade, **as penas e as recompensas futuras**. Ele não sanciona estas verdades somente pela teoria, sua essência é de dar-lhes provas patentes; eis porque tantas pessoas, que não criam em nada, foram conduzidas para as ideias religiosas. […]. ([62])

As penas e as recompensas futuras estão intimamente ligadas à lei de causa e efeito, disso não temos dúvida alguma, uma vez que são consequências de nossas ações.

Do artigo “Relações afetuosas dos Espíritos”, publicado no mês de novembro, transcrevemos o seguinte trecho:

> Se o isolamento fosse uma propriedade inerente à erraticidade, esse estado seria um verdadeiro suplício, tanto mais penoso quanto mais possa se prolongar durante uma longa sequência de séculos. Nós sabemos, por experiência, que **a privação da visão daqueles que se amou é uma punição para certos Espíritos**; mas sabemos também que muitos ficam felizes por se reencontrarem; que, à saída dessa vida, nossos amigos do mundo espírita vêm nos receber e nos

> ajudam a anos desembaraçarmos das faixas materiais, e que nada é mais penoso do que não encontrar nenhuma alma benevolente nesse momento solene. […]. ([63])

f) *O Livro dos Médiuns* (1861)

Da 2ª parte, capítulo "XIX – O papel dos médiuns nas comunicações", destacamos este comentário de Allan Kardec:

> Este é um fato comprovado pela experiência. Já evocamos inúmeras vezes **Espíritos de idiotas** vivos, os quais deram evidentes provas de sua identidade e responderam com muita sensatez e mesmo de modo superior às questões que lhes foram propostas. **Esse estado é uma punição para o Espírito, que sofre com o constrangimento em que se vê**. Um médium idiota pode, pois, oferecer ao Espírito que queira manifestar-se mais recursos de que se pensa. […]. ([64])

Mais à frente temos, 2ª parte, capítulo "XXIII – Obsessão":

> 4. *Assim, a impossibilidade de comunicar-se com os Espíritos bons seria uma espécie de*

punição?

"**Em certos casos, pode ser uma verdadeira punição**, como a possibilidade de comunicar-se com eles é uma recompensa que deveis vos esforçar por merecer." […]. ([65])

Avançando, encontramos na 2ª parte, capítulo "XXIV – Identidade dos Espíritos":

9. *Compreendemos que seja assim quando se trate de um ensino sério, mas como os Espíritos superiores permitem que outros, de baixo escalão, adotem nomes respeitáveis, para induzirem os homens ao erro, por meio de máximas não raro perversas*?

"Não é com a permissão dos Espíritos superiores que os Espíritos de baixo escalão fazem isso. O mesmo não se dá entre vós? **Os que assim enganam os homens serão punidos, ficai certos, e a punição deles será proporcional à gravidade da impostura**. Aliás, se não fôsseis imperfeitos, não teríeis em torno de vós senão Espíritos bons; se sois enganados, só de vós mesmos vos deveis queixar. […]. ([66])

21. *Por que Deus permite que os Espíritos cometam o sacrilégio de usar falsamente nomes venerados?*

"Poderias perguntar também por que Deus permite que os homens mintam e blasfemem. **Os**

> **Espíritos, assim como os homens, têm o seu livre-arbítrio tanto para o bem, quanto para o mal; porém, nem uns nem outros escaparão à Justiça de Deus**.” ([67])

Encerrando, vejamos estas últimas duas questões inseridas na 2ª parte, capítulo “XXV – Evocações”:

> 3. *Quais são as causas que podem impedir que um Espírito atenda ao nosso chamado?*
>
> “Em primeiro lugar, a sua própria vontade; depois, o seu estado corpóreo, caso se ache encarnado, as missões de que esteja encarregado ou, ainda, a permissão para isso, que lhe pode ser negada. Há Espíritos que nunca podem comunicar-se: são os que, por sua natureza, ainda pertencem a mundos inferiores à Terra, bem como os que se encontram **nas esferas de punição**, a menos que lhes seja data especial permissão, com um fim de utilidade geral. […].”
>
> 4. *Por que motivo pode ser negada a um Espírito permissão para se comunicar?*
>
> “**Pode ser** uma prova ou **uma punição**, para ele ou para aquele que o chama.” ([68])

“*Nas esferas de punição*”, sim, ainda que, no mundo espiritual, não exista um inferno localizado,

nele pode-se iniciar o processo de expiação das faltas cometidas pelo Espírito durante a vida corporal.

g) *Revista Espírita 1861*

Do tópico “Conversas familiares do além-túmulo”, do diálogo intitulado “O suicídio de um ateu”, mês de fevereiro, destacaremos a seguinte questão:

> 8. De onde vos vieram as ideias materialistas que tínheis quando vivo? - R. **Numa outra existência, eu fui mau, e o meu Espírito estava condenado a sofrer** os tormentos da dúvida durante a minha vida; também me matei.
>
> Nota. Há aqui toda uma ordem de ideias. Pergunta-se, frequentemente, como pode haver materialista, uma vez que tendo já passado pelo mundo espírita dever-se-ia ter dele a intuição; ora, é precisamente essa intuição que é recusada, **como castigo a certos Espíritos que conservaram o seu orgulho, e não se arrependeram de suas faltas.** A Terra, é preciso que não se esqueça, é um lugar de expiação; eis porque ela encerra tantos maus Espíritos encarnados. ([69])

A confissão de que teria sido mau em uma outra existência e em razão disso foi condenado a sofrer, é bem a aplicação da lei de causa e efeito. Observa-se, que na nota Allan Kardec corrobora a ideia de “castigo” por conta do orgulho e falta de arrependimento das faltas cometidas.

Em fevereiro, do artigo “O homenzinho ainda vive; a propósito do artigo do *Journal dês Débats*, pelo Sr. Deschanel”, ressaltamos:

> Dizer que o **Espiritismo** está fundado sobre o materialismo grosseiro, então que o combate a todo transe, que **não seria nada** sem a alma, a sua imortalidade, **as penas e as recompensas futuras, das quais é a demonstração patente**, é o cúmulo da ignorância da coisa que se trata; se não for ignorância, é má fé e calúnia. […]. ([70])

Um pouco mais à frente, da resposta do Codificador ao Sr. Deschanel, merece ressaltar:

> […] Com efeito, o **Espiritismo** tem por base essencial, e sem a qual não teria razão de ser, a existência de Deus, da alma, a sua imortalidade, **as penas e as recompensas futuras**; ora, esses pontos são a negação mais absoluta do

> materialismo, que não admite nenhum deles. A **Doutrina Espírita** não se limita a afirmá-los, não os admite a priori, **deles é a demonstração patente**; por isso, ela já conduziu um tão grande número de incrédulos que abjuraram todo sentimento religioso. ([71])

No mês de outubro, encontramos a mensagem intitulada “Os Cretinos”, assinada por Pierre Jouty, da qual destacamos o seguinte trecho:

> – **Os cretinos são seres punidos sobre a Terra pelo mau uso que fizeram de poderosas faculdades**; sua alma está aprisionada num corpo, cujos órgãos, impossibilitados, não podem expelir seus pensamentos; esse mutismo moral e físico é uma das mais cruéis punições terrestres; frequentemente, ela é escolhida pelos Espíritos arrependidos que querem resgatar as suas faltas. […].
>
> **Quase todas as enfermidades têm, assim, sua razão de ser; nada se faz sem causa,** o que chamais a injustiça da sorte é a aplicação da mais alta justiça. **A loucura é também uma punição do abuso de altas faculdades**; o louco tem duas personalidades: a que extravasa e a que tem a consciência de seus atos, sem poder dirigi-los. […]. ([72])

Além de explicar que os cretinos são seres punidos pelo mau uso que fizeram de suas faculdades, acrescenta que "*quase todas as enfermidades têm, assim, sua razão de ser; nada se faz sem causa*", portanto, fala-se, objetivamente, da lei de causa e efeito.

Em novembro, Allan Kardec registra a sua visita à cidade de Bordeaux, ocorrida em 14 de outubro de 1861. Nessa ocasião ele profere um discurso, do qual destacamos:

> Aliás, há uma outra resposta igualmente peremptória: o **Espiritismo** é estranho a toda questão dogmática. Aos materialistas prova a existência da alma; àqueles que não creem senão no nada, prova a vida eterna; àqueles que creem que Deus não se ocupa com as ações dos homens, **prova as penas e as recompensas futuras**; destruindo o materialismo, destrói a pior praga social: eis o seu objetivo; quanto às crenças especiais, delas não se ocupa, e deixa a cada um toda a liberdade; o materialista é o maior inimigo da religião; o Espiritismo, conduzindo-o ao Espiritualismo, lhe faz percorrer três quartas partes do caminho para entrar na comunhão dos fiéis católicos; cabe à Igreja fazer o resto; mas se a comunhão para qual tenderia a se ligar o repele, seria a temer que não se voltasse para uma outra.

([73])

Novamente, temos “*as penas e recompensas futuras*”, que o Codificador vem confirmando por várias vezes. Entendemos que, implicitamente, nelas encontramos como base a lei de causa e efeito.

h) *O Espiritismo na Sua Mais Simples Expressão* (1862)

Da parte em que Allan Kardec intitulou “Histórico do Espiritismo”, transcrevemos estes dois parágrafos:

> Os Espíritos geralmente se comunicam com prazer; é para eles uma satisfação ver que não foram esquecidos. Descrevem de boa vontade suas impressões ao deixar a vida terrena, sua nova situação, a natureza de suas alegrias e sofrimentos no mundo em que se encontram. Uns sentem-se muito felizes; outros infelizes. **Alguns sofrem mesmo indizíveis tormentos conforme a vida que viveram e o emprego bom ou mau, útil ou inútil que dela fizeram**. Observando-os em todas as fases de sua nova existência, de acordo com a posição que ocuparam na Terra, o gênero de morte, seus caracteres e hábitos como homens, chega-se a um conhecimento, senão completo,

> pelo menos bastante preciso do mundo invisível, **permitindo-nos fazer uma ideia do que será nossa vida futura e prever o destino feliz ou infeliz que lá nos espera**. ([74])
>
> *Do ponto de vista religioso*, o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a imortalidade, **as penas e as recompensas futuras**, sendo, porém, independentes de qualquer culto em particular. Seu objetivo é provar àqueles que negam, ou que duvidam, que a **alma existe, que ela sobrevive ao corpo e sofre após a morte as consequências do bem ou do mal que tenha feito durante a vida corpórea**: o objetivo de todas as religiões. ([75]) (itálico do original)

Se podemos prever o destino feliz ou infeliz que teremos em nossa vida após a morte, então não é impróprio concluir que existe uma lei pela qual nos baseamos para ter essa ideia. Exatamente a lei de causa e efeito que nos faz "*sofrer após a morte as consequências do bem ou do mal que tenhamos feito durante a vida corpórea.*"

Um pouco mais à frente, Allan Kardec destaca no tópico "Resumo dos Ensinamentos dos Espíritos", vários pontos do conhecimento espírita, dos quais

destacamos o de número 17:

> **O Espírito culpado é punido** por meio de sofrimentos morais no mundo dos Espíritos e, na vida corporal, pelos sofrimentos físicos. **Suas aflições são a consequência de suas faltas, isto é, das suas infrações à lei de Deus**, de sorte que constituem, ao mesmo tempo, **uma expiação do passado e uma prova para o futuro**. E assim que o orgulhoso poderá vir a ter uma existência de humilhação, o tirano uma de servidão, o mau rico uma de miséria. ([76])

Diante do que foi dito, apenas sintetizaria que "*O Espírito culpado é **sempre** punido pelas suas infrações à lei de Deus*", ou seja, exatamente o que se preconiza na "lei de causa e efeito".

i) *Revista Espírita 1863*

Do artigo "Do princípio da não-retrogradação dos Espíritos", publicado no mês de junho, transcrevemos:

> […] Deus pode, pois, ao cabo de um certo tempo de prova, retirar, de um mundo onde não terão progredido moralmente, aqueles que o terão

desconhecido, que terão sido rebeldes às suas leis, para enviá-los para expiar seus erros e seu endurecimento num mundo inferior, entre os seres ainda menos avançados; lá serão o que eram antes, moral e intelectualmente, mas numa condição tornada infinitamente mais penosa, pela própria natureza do globo, e sobretudo pelo meio no qual se encontrarão; estarão, em uma palavra, na posição de um homem civilizado forçado a viver entre os selvagens, ou de um homem bem educado condenado à sociedade dos forçados. Perderam sua posição, suas vantagens, mas não retrogradaram ao seu estado primitivo; de homens adultos não se tornaram crianças; eis o que é preciso entender pela não-retrogradação. Não tendo aproveitado o tempo, é para eles um trabalho a recomeçar; Deus, em sua bondade, não quer deixá-los mais por muito tempo entre os bons, dos quais perturbariam a paz; por isso envia-os entre os homens que terão por missão fazer avançar, comunicando-lhes o que sabem; **por esse trabalho eles mesmos poderão avançar e resgatar tudo, expiando suas faltas passadas**, como o escravo que amontoa, pouco a pouco, o que comprar com a sua liberdade; mas, como o escravo, muitos não amontoam senão o dinheiro em lugar de amontoar as virtudes, as únicas que podem pagar seu resgate.

[…].

A encarnação é, pois, uma necessidade para o Espírito que, para cumprir sua missão providencial, trabalha em seu próprio adiantamento pela atividade e a inteligência que lhe é preciso

> empregar para prover à sua vida e ao seu bem-estar; mas **a encarnação se torna uma punição quando o Espírito, não tendo feito o que deve, é constrangido a recomeçar sua tarefa** e multiplica suas existências corpóreas penosas pela sua própria falta. Um escolar não chega a colar seus graus senão depois de ter passado pela fieira de todas as classes; são essas classes uma punição? Não: são uma necessidade, uma condição indispensável de seu adiantamento; mas se, por sua preguiça, é obrigado a repeti-las, aí está a punição; poder passar algumas delas é um mérito. Portanto, **o que é verdade é que a encarnação sobre a Terra é uma punição para muitos daqueles que a habitam**, porque teriam podido evitá-la, ao passo que, talvez, a dobraram, triplicaram, centuplicaram por sua falta, retardando assim sua a entrada nos mundos melhores. O que é falso é admitir em princípio a encarnação como um castigo. ([77])

Quem foi punido, certamente, o foi porque anteriormente praticou algum ato condenável, logo, a punição é efeito de uma causa.

No mês de setembro, do tópico “Perguntas e problemas” destacamos este trecho da resposta de Allan Kardec ao pedido de explicações sobre a expiação e a prova:

A expiação implica necessariamente a ideia de um castigo mais ou menos penoso, resultado de uma falta cometida; a prova implica sempre a de uma inferioridade real ou presumida, porque aquele que chegou ao ponto culminante, ao qual aspira, não tem mais necessidade de provas. Em certos casos, a prova se confunde com a expiação, quer dizer que a expiação pode servir de prova, e reciprocamente. O candidato que se apresenta para obter um grau, sofre uma prova; se fracassa, lhe é preciso recomeçar um trabalho penoso; **esse novo trabalho é a punição da negligência levada no primeiro**; a segunda prova torna-se assim uma expiação. Para o condenado a quem se faz esperar um abrandamento ou uma comutação conduzindo-se bem, a **pena é, ao mesmo tempo, uma expiação por sua falta, e uma prova para a sua sorte futura**; se, em sua saída da prisão, não estiver melhor, a prova é nula, e um novo castigo trará uma nova prova.

Se consideramos agora o homem sobre a Terra, **vemos que ele aqui sofre males de todas as espécies e frequentemente cruéis; esses males têm uma causa**; ora, a menos de atribuí-las ao capricho do Criador, é-se forçado a admitir que essa causa está em nós mesmos, e que **as misérias que experimentamos não podem ser o resultado de nossas virtudes; portanto, elas têm sua fonte em nossas imperfeições**. Que um Espírito se encarne sobre a Terra no seio da fortuna, das honras e de todos os gozos materiais, poder-se-á dizer que sofre a prova do arrastamento; para aquele que cai na infelicidade

por sua má conduta ou sua imprevidência, **é a expiação de suas faltas atuais, e pode-se dizer que é punido por onde pecou**. Mas que se dirá daquele que, desde seu nascimento, luta com as necessidades e as privações, que arrasta a existência miserável e sem esperança de melhoria, que sucumbe sob o peso de enfermidades congênitas, **sem ter ostensivamente nada feito para merecer uma semelhante sorte**? Que isso seja uma prova ou uma expiação, a sua posição não é menos penosa, e isso não seria mais equitativo do ponto de vista de nosso correspondente, uma vez que se o homem não se lembra da falta, não se lembra mais de ter escolhido a prova. É preciso, pois, procurar em outra parte a solução da questão.

Todo efeito tendo uma causa, as misérias humanas são efeitos que devem ter uma causa; se essa causa não está na vida atual, deve estar na vida anterior. Além disso, admitindo a justiça de Deus, esses efeitos devem ter uma relação mais ou menos íntima com os atos precedentes, dos quais são, ao mesmo tempo, o castigo pelo passado, e a prova para o futuro. **São expiações nesse sentido de que são a consequência de uma falta, e provas em relação ao proveito que dela se retira**. A razão nos diz que Deus não pode ferir um inocente; portanto, se somos feridos, é que não somos inocentes: o mal que sentimos é o castigo, a maneira pela qual o suportamos, é a prova.

Mas ocorre, **frequentemente, que, a falta não se achando nesta vida**, acusa-se a justiça de

> Deus, nega-se sua bondade, duvida-se mesmo de sua existência; aí, precisamente, está a prova mais escabrosa: a dúvida sobre a divindade. Quem admite um Deus soberanamente justo e bom deve-se dizer que ele não pode agir senão com sabedoria, mesmo nesse caso que não compreendemos, e que se sofremos uma pena, é que a merecemos; portanto, é uma expiação. O Espiritismo, pela revelação da grande lei da pluralidade das existências, levanta completamente o véu sobre o que essa questão deixava de obscuro; **nos ensina que, se a falta não foi cometida nesta vida, o foi em uma outra, e que assim a justiça de Deus segue seu curso nos punindo por onde nós pecamos**. ([78])

Não é a primeira vez que se afirma "*todo efeito tendo uma causa, as misérias humanas são efeitos que devem ter uma causa*", o que, a nosso ver, novamente reforça a lei de causa e efeito, como ponto doutrinário do Espiritismo.

j) *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864)

No capítulo "III – Há muitas moradas na casa de meu Pai", lemos:

14. Entretanto, **nem todos os Espíritos encarnados na Terra aqui se acham em expiação.** As raças a que chamais selvagens são formadas de Espíritos que apenas saíram da infância e que na Terra se encontram, a bem-dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contato com Espíritos mais adiantados. Vêm depois as raças semicivilizadas, formadas por esses mesmos Espíritos em via de progresso. São elas, de certo modo, raças indígenas da Terra, que aí se desenvolveram pouco a pouco em longos períodos seculares, conseguindo, algumas delas, atingir o aperfeiçoamento intelectual dos povos mais esclarecidos.

Os Espíritos em expiação, se nos podemos exprimir desse modo, são exóticos na Terra; **já viveram em outros mundos, dos quais foram excluídos em consequência da sua obstinação no mal e por se constituírem em causa de perturbação para os bons**. Tiveram de ser degredados, por algum tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados, com a missão de fazer que estes últimos avançassem, pois que levam consigo inteligências desenvolvidas e o gérmen dos conhecimentos que adquiriram. **É por isso que os Espíritos em punição se encontram no seio das raças mais inteligentes**. São para estas, também, que as misérias da vida se revestem de maior amargura, por haver nelas maior sensibilidade e por serem mais provadas pelas contrariedades e desgostos do que as raças primitivas, cujo senso moral se acha mais embotado.

15. A **Terra** nos oferece, pois, um dos tipos de mundos expiatórios, cuja variedade é infinita, mas que têm, como caráter comum, o fato de servirem de **lugar de exílio para Espíritos rebeldes à Lei de Deus**. Esses Espíritos têm aí de lutar, ao mesmo tempo, com a perversidade dos homens e com a inclemência da Natureza, duplo e árduo trabalho que simultaneamente desenvolve as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, em sua bondade, faz que o próprio castigo reverta em proveito do progresso do Espírito. – *Santo Agostinho*. (Paris, 1862.) ([79])

No capítulo “V – Bem-aventurados os aflitos”, o Codificador trata exatamente da questão da lei de causa e efeito, senão vejamos:

Justiça das aflições

3. As compensações que Jesus promete aos aflitos da Terra só podem efetivar-se na vida futura. Sem a certeza do futuro, estas máximas seriam um contrassenso; mais ainda: seriam um engodo. […] A fé no futuro pode consolar e infundir paciência, mas não explica essas anomalias, que parecem desmentir a Justiça de Deus.

Entretanto, desde que admita Deus, não se pode concebê-lo sem o infinito das perfeições. Ele deve ser todo poder, todo justiça, todo bondade, sem o que não seria Deus. Se é soberanamente bom e justo, não pode agir por capricho nem com

parcialidade. ***As vicissitudes da vida têm, pois, um causa e, visto que Deus é justo, essa causa há de ser justa***. Eis o de que cada um deve bem se compenetrar. Deus encaminhou os homens na compreensão dessa causa pelos ensinos de Jesus, e hoje, julgando-os suficientemente maduros para compreendê-la, revela-a inteiramente pelo *Espiritismo*, isto é, pela *voz dos Espíritos*.

Causas atuais das aflições

4. **As vicissitudes da vida são de duas espécies**, ou se quiserem duas fontes bem diferentes que importa distinguir. **Umas têm sua causa na vida presente; outras, fora desta vida**.

[…].

5. A lei humana atinge certas faltas e as pune. O condenado pode então dizer que sofre a consequência do que fez. Mas a lei não alcança, nem pode alcançar todas as faltas; incide especialmente sobre as que trazem prejuízo à sociedade, e não sobre as que só prejudicam os que as cometem. Deus, porém, quer que todas as suas criaturas progridam e, portanto, **não deixa impune qualquer desvio do caminho reto. Não há falta alguma, por mais leve que seja, nenhuma infração da sua lei, que não acarrete forçosas e inevitáveis**. Daí se segue que, nas pequenas coisas, como nas grandes, **o homem é sempre punido por aquilo em que pecou**. Os sofrimentos que decorrem do pecado são-lhe uma advertência de que procedeu mal. Dão-lhe experiência, fazem-lhe sentir a diferença existente entre o bem e o mal e a necessidade de se

melhorar, a fim de evitar, futuramente, o que redundou para ele numa fonte de amarguras; se não fosse assim, não haveria motivo alguma para que se emendasse. **Confiante na impunidade, retardaria seu adiantamento e, por consequente, a sua felicidade futura.**

[…].

Causas anteriores das aflições

6. Mas se há males nesta vida, de que o homem é a causa principal, há outros para os quais ele é, pelo menos na aparência, completamente estranho e que parecem atingi-lo como que por fatalidade. Tal, por exemplo, a perda de entes queridos e a dos que são o amparo da família. Tais, ainda, os acidentes que nenhuma previdência poderia impedir; os reveses da fortuna, que frustram todas as precauções aconselhadas pela prudência; os flagelos naturais, as enfermidades de nascença, sobretudo as que tiram a tantos infelizes os meios de ganhar a vida pelo trabalho: **as deformidades, a idiotia, o cretinismo etc**.

Os que nascem nessas condições, certamente nada fizeram na existência atual para merecer, sem compensação, tão triste sorte, que não podiam evitar, que são impotentes para mudar por si mesmos e que os põe à mercê da comiseração pública. Por que, pois, seres tão infelizes, enquanto, ao lado deles, sob o mesmo teto, na mesma família, outros são favorecidos de todos os sentidos?

[…].

Todavia, em virtude do axioma segundo o qual *todo efeito tem uma causa*, tais misérias são efeitos que devem ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa. Ora, como a causa sempre precede **o efeito, se a causa não se encontrar na vida atual, há de ser anterior a essa vida,** isto é, há de estar numa existência precedente. Por outro lado, não podendo Deus punir alguém pelo bem que fez, nem pelo mal que não fez, **se somos punidos, é que fizemos o mal; se não fizemos esse mal na presente vida, é que o fizemos em outra**. É uma alternativa a que ninguém pode fugir e em que a lógica decide de que lado está a Justiça de Deus.

O homem, pois, nem sempre é punido ou punido completamente, na sua existência atual; mas **não escapa nunca às consequências de suas faltas**. **A prosperidade do mau é apenas momentânea; se ele não expiar hoje, expiará amanhã,** ao passo que aquele que sofre está expiando o seu passado. O infortúnio que, à primeira vista, parece imerecido tem sua razão de ser, e aquele que sofre pode sempre dizer: “Perdoai-me, Senhor, porque pequei.”

7. **Os sofrimentos devidos a causas anteriores são sempre, como os decorrentes das faltas atuais, a consequência dos erros cometidos,** isto é, o homem, pela ação de uma rigorosa justiça distributiva, **o homem sofre o que fez sofrer aos outros. Se foi duro e desumano, poderá, por sua vez, ser tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá**

nascer em humilhante condição; se foi avaro, egoísta ou se empregou mal a sua fortuna, poderá ver-se privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer pelo procedimento de seus filhos etc.

[…] Aquele que se elevar, pelo pensamento, de modo a abranger toda uma série de existências, verá que **cada um recebe a parte que merece**, sem prejuízo da que lhe tocará no mundo dos Espíritos, e que a Justiça de Deus nunca se interrompe.

[…].

8. **As tribulações podem ser impostas a Espíritos endurecidos, ou extremamente ignorantes**, para levá-los a fazer uma escolha com conhecimento de causa; porém, são livremente escolhidas e aceitas por Espíritos arrependidos, que querem repara o mal que fizeram e tentar proceder melhor. Tal ocorre com aquele que, havendo desempenhado mal a sua tarefa, pede para recomeçá-la, a fim de não perder o fruto de seu trabalho. **Essas tribulações, portanto, são, ao mesmo tempo, expiações do passado, que elas punem, e provas para o futuro, que elas preparam**. Rendamos graças a Deus, que, em sua bondade, concede ao homem a faculdade da reparação e não o concede irrevogavelmente por uma primeira falta.

9. **Não se deve crer, no entanto, que todo sofrimento suportado neste mundo seja necessariamente indício de uma determinada falta**. Muitas vezes são simples provas escolhidas

pelo Espírito para concluir a sua depuração e acelerar o seu adiantamento. Assim, **a expiação serve sempre de prova, mas nem sempre a prova é uma expiação**. Contudo, provas e expiações são sempre sinais de relativa inferioridade, porque o que é perfeito não precisa ser provado. […].

[…].

10. […] É nas diversas existências corpóreas que os Espíritos se despojam pouco a pouco de suas imperfeições. As provações da vida, quando bem suportadas, os fazem adiantar-se. **Como expiações, elas apagam as faltas e purificam**; são o remédio que limpa as chagas e cura o doente. […];

[…].

Motivos de resignação

12. Por estas palavras: *Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados*, Jesus indica, ao mesmo tempo, a compensação que espera os que sofrem e a resignação que abençoa o sofrimento como prelúdio da cura.

Essas palavras também podem ser traduzidas assim: deveis considerar-vos felizes por sofrerdes, porque **as vossas dores deste mundo são o pagamento da dívida das vossas faltas passadas, e essas dores, quando suportadas pacientemente na Terra, vos** poupam séculos de sofrimentos na vida futura. […].

[…].

> Tal é o sentido destas palavras: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados.” **São felizes porque pagam suas dívidas, e após o pagamento estarão livres**. Mas se, saldando a dívida de um lado, endivida-se de outro, jamais se libertarão. Ora, **cada nova falta aumenta a dívida, porque não há uma só delas, qualquer que seja, que não traga consigo a própria punição, necessária e inevitável**. Se não for hoje, será amanhã; se não for nesta vida, será em outra. […]. ([80]) (itálico do original)

> Na “Instruções dos Espíritos”, no item 27, lemos:

> Já vos temos dito e repetido muitas vezes que estais nessa Terra de expiação para concluirdes as vossas provas e que **tudo que vos acontece é consequência das vossas existências anteriores**, são os juros da dívida que tendes de pagar. […]. ([81])

No capítulo “VI – O Cristo Consolador”, no item 4, lemos o seguinte trecho:

> Disse o Cristo: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados.” Mas como pode a criatura sentir-se feliz, se não sabe por que sofre? **O Espiritismo mostra a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da Terra, em que o homem expia o seu passado**. Mostra o objetivo dos **sofrimentos** como crises

> salutares que levam à cura e **como meio de depuração** que garante a felicidade nas existências futuras. **O homem compreende que mereceu sofrer e acha justo o sofrimento**. Sabe que esse sofrimento lhe auxilia o adiantamento e o aceita sem murmurar, como o operário aceita o trabalho que lhe assegurará o salário. […]. ([82])

No capítulo “VIII – Bem-aventurados os que têm puro o coração”, destaca-se:

> 16. *Mas ai daquele por quem venha o escândalo*. Quer dizer que o mal sendo sempre o mal, aquele que serviu, sem o saber, de instrumento à Justiça divina, aquele cujos maus instintos foram utilizados, nem por isso deixou de praticar o mal e de **merecer punição**. É assim, por exemplo, que um filho ingrato é uma punição ou uma prova para o pai que sofre com isso, porque esse pai talvez tenha sido também um mau filho que fez seu pai sofrer. Passa ele pela pena de talião. Mas mesmo essa circunstância não pode servir de desculpa **ao filho, que, por sua vez, terá de ser castigado em seus próprios filhos ou de outra maneira**. ([83]) (itálico do original)

Transcreveremos também esta nota de Allan Kardec inserida nesse capítulo:

> 21. Nota. **Quando uma aflição não é consequência dos atos da vida presente, deve-se buscar sua causa numa vida anterior**. Tudo aquilo a que se dá o nome de caprichos da sorte mais não é do que **efeito da Justiça de Deus**, que não inflige punições arbitrárias, pois quer que **a pena esteja sempre em correlação com a falta**. Se, por sua bondade, lançou um véu sobre os nossos atos passados, por outro lado nos aponta o caminho, dizendo: "Quem matou à espada, pela espada perecerá", palavras que se podem traduzir assim: **"Sempre se é punido por aquilo em que se pecou."** Portanto, se alguém é atormentado pela perda da visão, é esta que foi causa de queda. Talvez tenha sido também causa de que outro perdesse a vista; de que alguém haja perdido a vista em consequência do excesso de trabalho que aquele lhe impôs, ou de maus-tratos, falta de cuidados etc., **passando, então, pela pena de talião**. É possível que ele próprio, ao arrepender-se, haja escolhido essa expiação, aplicando a si estas palavras de Jesus: "Se o teu olho for motivo de escândalo, arranca-o." ([84])

Não há como deixar de desconsiderar, pois repetidamente, estamos vendo referências à lei de causa e efeito, portanto, não podemos negá-la como um dos princípios doutrinários.

No capítulo "XIII – Não saiba a vossa mão esquerda o que dá a vossa mão direita", na

“Instruções dos Espíritos”, item 19, lemos:

> […] Os benefícios acabam por abrandar os corações mais endurecidos; podem ser esquecidos neste mundo, mas quando o Espírito se desembaraçar do seu envoltório carnal, lembrar-se-á deles e essa lembrança será o seu castigo. Lamentará a sua ingratidão; **desejará reparar a falta, pagar a dívida em outra existência**, muitas vezes buscando até mesmo uma vida de dedicação ao seu benfeitor. […]. ([85])

Se há dívida a ser paga é porque a Lei de ação e reação funciona, quer queiramos ou não. Quanto mais cedo nos conscientizamos disso, mais rapidamente iremos “quitar” nossa dívida perante a justiça divina.

No capítulo “XXIV – Não ponhais a candeia debaixo do alqueire”, no tópico “Coragem da fé”, item 16, lemos:

> Assim será com os adeptos do Espiritismo. Já que a doutrina que professam não é outra senão o desenvolvimento e a aplicação da doutrina do Evangelho, também a eles se dirigem as palavras do Cristo. **Semeiam na Terra o que colherão na vida espiritual**. Lá eles colherão os frutos da sua

coragem ou da sua fraqueza. ([86])

Do capítulo “XXV – Buscai e achareis”, item 7, destacamos o seguinte:

> Deus conhece as nossas necessidades e a elas provê, como for necessário. O homem, porém, insaciável nos seus desejos, nem sempre sabe contentar-se com o que tem: o necessário não lhe basta; reclama o supérfluo. A Providência, então, o deixa entregue a si mesmo. **Frequentemente, ele se torna infeliz por culpa sua e por haver desatendido à voz que por intermédio da consciência o advertia**. Nesses casos, **Deus fá-lo sofrer as consequências, a fim de que lhe sirvam de lição para o futuro**. (Cap. V, item 4.) ([87])

Do capítulo “XXVII – Pedi e obtereis”, transcrevemos:

> 21. “**O homem sofre sempre a consequência de suas faltas; não há uma só infração à Lei de Deus que não acarrete a sua punição**.
>
> A severidade do castigo é proporcional à gravidade da falta.
>
> “A duração do castigo é indeterminada, seja qual for a fala; *está subordinada ao*

arrependimento do culpado e ao seu retorno à senda do bem. **A pena dura tanto quanto a obstinação no mal**; seria perpétua, se a obstinação fosse perpétua; dura pouco, se o arrependimento é imediato.

Desde que o culpado clame por misericórdia, Deus o ouve e lhe concede a esperança. Mas não basta o simples pesar do mal causado; é necessária a reparação. Por isso, o culpado é submetido a novas provas, nas quais sempre pode, por sua livre vontade, praticar o bem, reparando o mal que haja feito.

Assim, o homem é constantemente o árbitro da sua própria sorte; pode abreviar ou prolongar indefinidamente o seu suplício; a sua felicidade ou a sua desventura dependem da vontade que tenha de praticar o bem."

Tal a lei, lei *imutável* e conforme à bondade e à Justiça de Deus. ([88])

Do capítulo "XXVIII – Coletânea de preces espíritas", no início do tópico "Ato de submissão e de resignação", lemos:

31. PRECE. Meu Deus, és soberanamente justo. Todo sofrimento, neste mundo, há, pois, de ter sua causa e sua utilidade. **Aceito a aflição que acabo de experimentar, como expiação de minhas faltas passadas** e como prova para o

futuro. ([89])

Mais à frente, do tópico “Prevendo a morte próxima”, item 41, merece destaque os seguintes parágrafos:

> Deus Onipotente, sinto que se desfazem os laços que prendem minha alma ao meu corpo e que **logo irei prestar contas do emprego que fiz da vida que vou deixar**.
>
> **Vou sofrer as consequências do bem e do mal que pratiquei.** Lá não haverá ilusões nem subterfúgios possíveis. **Todo o meu passado vai desenrolar-se diante de mim e serei julgado segundo as minhas obras**. ([90])

E por fim no tópico “Por uma criança que acaba de nascer”, temos:

> 53. PREFÁCIO. Os Espíritos só chegam à perfeição depois de terem passado pelas provas da vida corpórea. Os que se encontram na erraticidade aguardam que Deus lhes permita retomar uma existência que lhes **proporcione meios de progredir, quer pela expiação de suas faltas passadas, mediante as vicissitudes a que estão sujeitos**, quer desempenhando uma missão proveitosa à Humanidade. […]. ([91])

k) *Revista Espírita 1864*

De “Instruções dos Espíritos”, mês de julho, destacamos:

> **Há provas sem expiação, do mesmo modo que há expiações sem provas.** Os Espíritos, evidentemente, na erraticidade, estão, do ponto de vista das existências, inativos e na espera; mas, no entanto, **podem expiar**, contanto que seu orgulho, a tenacidade formidável e teimosa de seus erros não os retenham, no momento de sua ascensão progressiva. **Disso temos um exemplo terrível nas últimas comunicações relativamente ao criminoso que se debate contra a justiça divina que o constrange junto à dos homens**. Então, nesse caso, a expiação, ou antes o sofrimento fatal que o oprime, em lugar de aproveitar-lhe e de lhe fazer sentir a profunda significação de suas penas, os exalta na revolta, e lhe faz produzir essas murmurações que as Escrituras, em sua poética eloquente, chama ranger de dentes; imagem por excelência! sinal do sofrimento abatido, mas insubmisso! Perdido na dor, mas da qual a revolta é ainda muito grande para recusar a reconhecer a verdade da pena e a verdade da recompensa!
>
> […].
>
> LAMENNAIS.
>
> Nota. - Para compreender o sentido desta frase: “Há provas sem expiação, e expiações sem prova”,

> é preciso entender por **expiação o sofrimento que purifica e lava as manchas do passado; depois da expiação, o Espírito está reabilitado**. O pensamento de Lamennais é este: Segundo as vicissitudes da vida sejam ou não acompanhadas de arrependimento das faltas que as ocasionaram, do desejo de torná-las aproveitáveis para sua própria melhoria, há ou não expiação, quer dizer, reabilitação. **Assim, os maiores sofrimentos podem ser sem proveito para aquele que os suporta, se não o tornam melhor, se não o elevam acima da matéria, se ele não vê a mão de Deus, enfim, se não lhe fazem dar um passo adiante, porque isso será, para ele, recomeçar em condições ainda mais penosas**. Deste ponto de vista, ocorre o mesmo com as penas suportadas depois da morte; o Espírito endurecido as sofre, sem ser tocado pelo arrependimento; é porque ele pode prolongá-los indefinidamente por sua própria vontade; é castigado, mas não repara. ([92])

Já temos elementos suficiente para compreender que “expiação de erros” tem relação direta com a Lei de causa e efeito, pela qual a justiça divina se manifesta.

Em agosto, Allan Kardec publicou o artigo “Oração dominical desenvolvida”, do qual tomamos:

V. PERDOAI AS NOSSAS DÍVIDAS, COMO NÓS AS PERDOAMOS ÀQUELES QUE NOS DEVEM. – PERDOAI AS NOSSAS OFENSAS, COMO PERDOAMOS ÀQUELES QUE NOS OFENDERAM.

Cada uma de nossas infrações às vossas leis, Senhor, é uma ofensa para convosco, e **uma dívida contraída que nos será preciso, cedo ou tarde, pagar**. Solicitamo-lhes a remissão de vossa infinita misericórdia, sob a promessa de fazer nossos esforços para não contrair novas dívidas.

[…].

As perseguições que os maus nos fazem suportar fazem parte de nossas provas terrestres; devemos aceitá-las sem murmurar, como todas as outras provas, e não maldizer aqueles que, por suas maldades, nos abrem o caminho da felicidade eterna, porque nos dissestes, pela boca de Jesus: “Bem-aventurados aqueles que sofrem pela justiça!” Bendigamos, pois, a mão que nos fere e nos humilha, porque as contusões do corpo fortalecem a nossa alma, e seremos elevados de nossa humildade.

Bendito seja o vosso nome, Senhor, por nos teres ensinado que a nossa sorte não está irrevogavelmente fixada depois da morte; **e que encontraremos, em outras existências, o meio de resgatar e de reparar nossas faltas passadas**, de cumprir numa nova vida o que não podemos fazer nesta, pelo nosso adiantamento

Por aí se explicam, enfim, todas as

> **anomalias aparentes da vida**; é a luz lançada sobre o nosso passado e o nosso futuro, o sinal manifesto de vossa soberana justiça e de vossa bondade infinita. ([93]) (Caixa alta em negrito é do original)

Se a dívida contraída deve ser paga, então, estamos falando de consequências dos atos, ou seja, lei de ação de reação.

Este artigo sobre o Pai-nosso foi publicado em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo “XXVIII – Coletânea de preces espíritas”.

No mês de setembro, ao comentar o caso de uma mãe que teve uma criança com todas as aparências de um macaco, Allan Kardec, a certa altura, esclarece:

> Pois bem! o Espiritismo vem rasgar esse mistério, dele faz sair a brilhante justiça de Deus; prova que essas almas deserdadas desde o seu nascimento neste mundo já viveram, e que expiam, em seus corpos disformes, faltas passadas; a observação o demonstra e a razão o diz, porque não se poderia admitir que elas sejam castigadas ao sair das mãos do Criador antes de nada terem feito.

> Bem, dir-se-á, para o ser que nasce assim; e os pais? Mas essa mãe que não dá o dia senão aos seres infelizes; que é privada de ter a alegria de ter um único filho que lhe faça honra e que ela possa mostrar com orgulho? A isso o Espiritismo responde: Justiça de Deus, expiação, prova para a sua ternura maternal, porque é um bem muito grande não ver ao seu redor senão os pequenos monstros em lugar de filhos graciosos. Ele acrescenta: **Não há uma única infração às leis de Deus que não tenha, cedo ou tarde, suas consequências funestas, sobre a Terra ou no mundo dos Espíritos, nesta vida ou numa vida seguinte**. Pela mesma razão: **não uma única vicissitude da vida que não seja a consequência e a punição de uma falta passada**, e isso será assim para cada um, enquanto não estiver arrependido, não terá expiado e reparado o mal que fez; ela retorna à Terra para expiar e reparar; cabe-lhe se melhorar bastante neste mundo, para nele não retornar mais como condenado. […]. ([94])

Um Espírito protetor deu uma explicação para esse fato, da qual destacamos o seguinte trecho que tem algo sobre o nosso tema:

> […] Não creiais que essa mulher, da qual acabais de falar, seja a vítima do acaso ou de uma cega fatalidade; não, o que lhe chega tem a sua razão de ser, estejais disto bem convencidos. Ela é

> castigada em seu orgulho; desprezou os fracos e os enfermos; foi dura para com os seres infelizes dos quais desviava seu olhar com nojo, em lugar de cercá-los com um olhar de comiseração; tirou vaidade da beleza física de seus filhos, às expensas de mães menos favorecidas; mostrava-os com orgulho, porque a beleza do corpo, aos seus olhos, tinha mais valor do que a beleza da alma; assim desenvolveu neles os vícios que lhes retardaram o adiantamento, em lugar de desenvolver as qualidades do coração. Foi porque Deus permitiu que, em sua existência atual, ela não tivesse senão filhos disformes, a fim de que a ternura maternal a ajudasse a vencer a sua repugnância pelos infelizes. **É, pois, para ela uma punição e um meio de adiantamento**; mas, nessa própria punição, brilham, ao mesmo tempo, a justiça e a bondade de Deus, que castiga com uma mão, e com a outra dá sem cessar ao culpado os meios de se remir.
>
> UM ESPÍRITO PROTETOR. ([95])

No mês de outubro, do artigo “Um retorno de fortuna”, destacamos o comentário de Allan Kardec:

> Os exemplos de castigos imediatos são menos raros do que se crê. **Se se remontasse à fonte de todas as vicissitudes da vida, ver-se-ia aí, quase sempre, a consequência natural de alguma falta cometida**. O homem recebe, a cada instante, terríveis lições das quais infelizmente bem

pouco aproveita. Cego pela paixão ele não vê a mão de Deus que o fere; longe de se acusar de seus próprios infortúnios, liga-os à fatalidade, à má chance; se irrita muito mais frequentemente do que se arrepende, […]. Ora, o que é que Deus pede ao culpado? O arrependimento e a reparação *voluntária*.

Para excitá-lo a isso, multiplica ao seu redor as advertências sob todas as formas durante a sua vida: infelicidades, decepções, perigos iminentes, em uma palavra, tudo que é próprio a fazê-lo refletir; se, apesar disso, seu orgulho resiste, não é justo que seja punido mais tarde? É um grave erro crer que o mal seja, às vezes, completamente impune na vida atual; se se soubesse tudo o que chega ao mau, em aparência o mais próspero, convencer-se-ia dessa verdade de que **não há uma única falta nesta vida, um único mau pendor, dizemos mais, um único mau pensamento que não tenha a sua contrapartida**; de onde esta consequência de que, se o homem aproveitasse as advertências que recebe, se se arrependesse e reparasse desde esta vida, teria satisfeito a justiça de Deus, e não teria mais a expiar, nem a reparar, seja no mundo dos Espíritos, seja numa nova existência. **Se, pois, eles estão aqui, nesta vida, sofrendo o passado de sua existência precedente, é que têm a pagar uma dívida que não quitaram**. Se o filho em questão morre na impenitência, sofrerá de início, no mundo dos Espíritos, o castigo do remorso; ele sofrerá moralmente o que fez suportar materialmente; será um Espírito infeliz, porque terá violado a lei que lhe

dizia: Honra teu pai e tua mãe. Mas Deus, que é soberanamente bom, ao mesmo tempo que soberanamente justo, lhe permitirá reencarnar-se para reparar; dar-lhe-á, talvez, o mesmo pai, e, em sua bondade, poupar-lhe-á a humilhante lembrança do passado; mas o culpado trará com ele a intuição das resoluções que terá tomado, a vontade de fazer o bem em lugar de fazer o mal; será a voz da consciência que lhe ditará a conduta. Depois, quando ele reentrar no mundo dos Espíritos, Deus lhe dirá: Vem a mim, meu filho, tuas faltas estão apagadas. Mas se fracassa nessa nova prova, isso será para ele a recomeçar, até que haja se despojado inteiramente do homem velho.

Cessemos, pois, de **ver nas misérias** que suportamos, pelas faltas de uma existência anterior, **um mistério inexplicável**, e **digamos a nós mesmos que depende de nós evitá-las**, merecendo nosso perdão desde esta vida; nossas dívidas quitadas, **Deus não nos fará pagar uma segunda vez; mas se permanecermos surdos às suas advertências, então exigirá até o último óbolo,** fosse isso depois de vários séculos ou vários milhares de anos. Para isso, não são vãos simulacros que ele exige, é a reforma radical do coração. A morada dos eleitos não está aberta senão aos Espíritos purificados; toda mancha interdita-lhe o acesso. Cada um pode pretendê-la: a cada um cabe fazer o que for preciso para isso, e ali chegar cedo ou tarde segundo seus esforços e sua vontade; mas Deus não diz a ninguém: Tu não te purificarás! ([96]) (itálico do original)

No mês de dezembro, temos publicado o artigo “Louis-Henri, o trapeiro”. Ao finalizar seu comentário sobre o caso o Codificador diz:

> Qual será a sorte de Louis-Henri numa nova existência? Como expiou cruelmente suas faltas em sua última existência; que no estado de espírito seu arrependimento é sincero e suas boas resoluções sérias, **é provável que será posto de modo a reparar os seus erros, fazendo o bem**; mas **como pagou sua dívida de sofrimentos corpóreos, não terá mais que passar pelas mesmas vicissitudes**. ([97])

Também foi publicada a mensagem “A propósito de *A imitação do Evangelho*”, assinada por Espírito de Verdade, em cujo último parágrafo lemos:

> Há várias moradas na casa de meu Pai, eu lhes disse há dezoito séculos. Estas palavras, o Espiritismo veio fazer compreendê-las. E vós, meus bem-amados, trabalhadores que suportais o ardor do dia, que credes ter a vos lamentar da injustiça da sorte, **bendizei vossos sofrimentos; agradecei a Deus que vos dá os meios de quitar as dívidas do passado**; orai, não dos lábios, mas do vosso coração melhorado, para vir tomar, na casa de meu Pai, a melhor morada; porque os grandes serão rebaixados; mas, vós o sabeis, os

pequenos nos e os humildes serão elevados. ([98])

No artigo “Sobre os Espíritos que se creem ainda vivos”, publicado no mês de novembro, Allan Kardec registrou uma mensagem de **Santo Agostinho**, dada em 21/06/1864, da qual transcrevemos o penúltimo parágrafo:

> […] Agora vou dizer-vos algumas palavras daqueles para os quais esse estado é uma prova. Oh! quanto ela é penosa! eles se creem vivos e bem vivos, possuindo um corpo capaz de sentir e de saborear os gozos da Terra, e quando suas mãos vão tocar, suas mãos se apagam; quando querem aproximar seus lábios de uma taça ou de uma fruta, seus lábios se aniquilam; eles veem, querem tocar, e não podem nem sentir nem tocar. Quanto o paganismo oferece uma bela imagem desse suplício, apresentando Tântalo tendo fome e sede e não podendo jamais tocar os lábios na fonte d'água que murmura ao seu ouvido, ou o fruto que parece amadurecer para ele. Há maldições e anátemas nos gritos desses infelizes! **Que fizeram para suportar esses sofrimentos? Perguntai-o a Deus: é a lei; ela está escrita por ele. Aquele que fere com espada perecerá pela espada; aquele que profanou seu próximo será profanado por sua vez. A grande lei de talião está inscrita no livro de Moisés, ela o está ainda no grande livro da expiação**. ([99])

Santo Agostinho é categórico ao afirmar que a "*lei de talião*" será aplicada aos infratores da lei.

I) *Revista Espírita 1865*

Em janeiro, Allan Kardec narra o caso de uma jovem obsediada de Marmande, sobre o qual explica:

> Se se perguntasse por que Deus permite aos maus Espíritos saciarem sua raiva sobre os inocentes, diríamos que **não há sofrimento imerecido e que aquele que é inocente hoje e que sofre, tem ainda alguma dívida a pagar**; esses maus Espíritos servem, nesse caso, de instrumentos à expiação. Sua maldade, além disso, é uma prova para a paciência, para a resignação e a caridade. ([100])

Bem clara é a posição do Codificador em relação ao sofrimento da jovem ter como causa "*alguma dívida a pagar*"; dívida essa, certamente, contraída em uma de suas encarnações precedentes.

No artigo "Evocação de um surdo-mudo encarnado", publicado em mês de janeiro, Allan Kardec narra essa experiência:

O Sr. Rui, membro da Sociedade de Paris, nos transmite o fato seguinte:

“Conheci, disse ele, em 1862, **um jovem surdo-mudo de doze a treze anos**, e, desejoso de fazer uma observação, pedi aos meus guias protetores se me seria possível evocá-lo. Tendo a resposta sido afirmativa, fiz vir essa criança em meu quarto, e a instalei em uma poltrona, em companhia de um prato de uva, que se pôs a debulhar com pressa. Coloquei-me, de minha parte, numa mesa; pedi, e fiz a evocação, como de hábito, ao cabo de alguns instantes minha mão tremeu, e escrevi: Eis-me.

“Eu olhei o menino: Ele estava imóvel, os olhos fechados, calmo, adormecido, o prato sobre os joelhos, e tinha parado de comer. Dirigi-lhe as seguintes perguntas:

P. Onde estás neste momento? – R. Em vosso quarto, em vossa poltrona.

P. Queres me dizer por que és surdo-mudo de nascença? – R. É uma expiação de meus crimes passados.

P. Quais crimes, pois, cometeste? – R. Fui parricida.

P. Podes me dizer se tua mãe, que *amas tão ternamente*, não teria sido, seja como teu pai ou tua mãe na existência da qual falas, o objeto do crime que cometeste?

“Em vão esperei a resposta; minha mão ficou imóvel. Levei de novo os olhos sobre o menino; ele acabava de despertar, e comia avidamente suas uvas. Tendo então pedido aos meus guias explicar-

me o que acabara de se passar, me foi respondido:

> “Ele te deu as informações que desejavas, e Deus não permitiu que te desse as outras.” ([101]) (itálico do original)

O Espírito do jovem surdo-mudo tinha consciência de que reencarnou com essa limitação em razão de ter sido parricida, crime praticado em uma vida anterior. Se isso não é causa e efeito, então, o que seria?

Por oportuno, vejamos este trecho da nota de Allan Kardec:

> **É preciso concluir desse fato que todos os surdos-mudos foram parricidas? Isto seria uma consequência absurda**; porque a justiça de Deus não está circunscrita em limites absolutos, como a justiça humana. **Outros exemplos provam que essa enfermidade, às vezes, é o resultado do mau uso que o indivíduo fez da faculdade da palavra**. Pois quê! dir-se-á, a mesma expiação para duas faltas tão diferentes em sua gravidade, está aí a justiça? Mas aqueles que assim raciocinam ignoram, pois, que **a mesma falta oferece graus infinitos de culpabilidade, e que**

> **Deus mede a responsabilidade pelas circunstâncias**? Quem sabe, aliás, se esse menino, supondo seu crime sem desculpa, **não sofreu no mundo dos Espíritos um duro castigo**, e se seu arrependimento e seu desejo de reparar não reduziram a expiação terrestre a uma simples enfermidade? Admitindo, a título de hipótese, uma vez que o ignoramos, que sua mãe atual tenha sido sua vítima, se não tinha para com ela a resolução que tomou de reparar sua falta por sua ternura, **é certo que um castigo mais terrível a esperaria, seja no mundo dos Espíritos, seja numa nova existênci**a. **A justiça de Deus jamais falha**, e, por ser algumas vezes tardia, não perde nada por esperar; mas Deus, **em sua bondade infinita, jamais condena de maneira irremissível**, e deixa sempre aberta a porta do arrependimento; se o culpado demora muito em aproveitá-la, sofre por mais longo tempo. Assim, depende sempre dele abreviar seus sofrimentos. A duração do castigo é proporcional à duração do endurecimento; é assim que **a justiça de Deus se concilia com a sua bondade e o seu amor por suas criaturas**. ([102])

O Codificador deixa claro, nesse comentário, que admitia a existência de uma relação entre as

faltas cometidas pelo Espírito e as consequências por ele experimentada, inclusive em uma existência corporal. Portanto, não se pode dizer que a ideia da lei de causa e efeito, ou de expiação decorrente de atos anteriores, lhe fosse estranha. O que ele rejeita é uma interpretação simplista dessa lei, como se fosse possível identificar, de maneira automática, a falta correspondente a cada sofrimento.

Para Allan Kardec, a justiça divina considera o grau de culpabilidade, as circunstâncias, o arrependimento e o desejo de reparação, mostrando que a lei de causa e efeito não se reduz a uma relação mecânica entre falta e sofrimento.

Do artigo “O que o Espiritismo ensina”, publicado em agosto, mencionaremos o item 3º:

> **Retifica todas as ideias falsas que se havia feito sobre o futuro da alma**, sobre o céu, o inferno, **as penas e as recompensas**; ele destrói radicalmente, pela irresistível lógica dos fatos, os dogmas das penas eternas e dos demônios; em uma palavra, ele nos descobre a vida futura, e no-la mostra natural e conforme a justiça de Deus. É ainda uma coisa que tem muito seu valor. ([103])

No mês de setembro, do artigo “Um egoísta”, é oportuno evidenciar o seguinte trecho do diálogo com o guia:

> P. Nosso caro guia gostaria de nos dizer se não lhe é levado em nenhuma conta os outros defeitos dos quais se corrigiu em consequência do Espiritismo e se sua punição com isso não foi abrandada? – R. Sem nenhuma dúvida, lhe é levado em conta essa melhoria, porque nada escapa aos olhares perscrutadores da Divina Providência. **Mas eis de que maneira cada ação, boa ou má, tem suas consequências naturais, inevitáveis, segundo esta palavra do Cristo: A cada um segundo suas obras**: aquele que se corrigiu de alguns defeitos poupa a punição que teriam arrastado, e recebe ao contrário o prêmio das qualidades que as substituíram; mas **não pode escapar às consequências dos defeitos que lhe restam**. Ele **não é, pois, punido senão na proporção e segundo a gravidade destes últimos**: menos deles tenha, melhor é sua posição. Uma qualidade não paga um defeito; ela diminui o número destes e, consequentemente, a soma das punições. ([104])

Ainda em setembro, em “Notícias Bibliográficas”, Allan Kardec informa sobre nova obra à venda:

> O CÉU E O INFERNO, OU A JUSTIÇA DIVINA SEGUNDO O ESPIRITISMO, Contendo: o exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corpórea à vida espiritual, **as penas e as recompensas futuras**, os anjos e os demônios, as penas eternas, etc.; seguido de numerosos exemplos sobre a situação real da alma durante e após a morte.
>
> Por ALLAN KARDEC. ([105])

Então, temos que um dos pontos que a nova obra abordará será sobre "*as penas e as recompensas futuras*", exatamente, aquilo que dá base que sustenta a lei de causa e efeito.

m) *O Céu e o Inferno* (1865)

1) Primeira Parte – Doutrina

a) Do capítulo "V – O purgatório", item 3, destacamos o seguinte trecho:

> […] Na maior parte das vezes ele [o homem] é infeliz por sua própria culpa; porém, se é imperfeito, é porque já o era antes de vir à Terra, **expiando não somente faltas atuais, mas faltas anteriores não reparadas**. **Sofre em uma vida de provações o que fez sofrer a outrem em**

anterior existência. As vicissitudes que experimenta são, ao mesmo tempo, **uma correção temporária** e uma advertência quanto às imperfeições que lhe cumpre eliminar de si, a fim de evitar males futuros e progredir para o bem. São para a alma lições da experiência, rudes às vezes, mas tanto mais proveitosas para o porvir quanto profundas as impressões que deixam. Essas vicissitudes provocam lutas incessantes que desenvolvem suas forças e suas faculdades intelectuais e morais.[…]. ([106])

E na sequência, no item 4, temos:

É, pois, nas sucessivas encarnações que a alma se despoja pouco a pouco das suas imperfeições, que se *purga*, até que esteja bastante pura para poder deixar os mundos de expiação, por mundos mais venturosos e, mais tarde, para fruir em outros a suprema felicidade. Assim, o *purgatório* não constitui uma ideia vaga e incerta. É uma realidade material que vemos, tocamos e sofremos; existe nos mundos de expiação, e a Terra é um desses mundos; **nela os homens expiam o passado e o presente**, em proveito do futuro. Contrariamente, porém, à ideia que deles se faz, **depende de cada um prolongar ou abreviar a sua permanência**, segundo o grau de adiantamento e pureza atingido pelo próprio esforço sobre si mesmo. Daí só se sai por mérito próprio, e não por conclusão de tempo ou pelos

> méritos alheios, consoante estas palavras do Cristo: ***A cada um segundo as suas obras*, palavras que resumem integralmente a Justiça de Deus**. ([107]) (itálico do original)

Se o homem "*sofre o que fez sofrer a outrem*" significa que sua ação correspondeu a uma reação, portanto, estamos falando exatamente da lei de causa e efeito, expressa em "*a cada um segundo as suas obras*". Embora possa não compreendê-la ela age a seu favor, fato que levará muito tempo para ser percebido.

b) No capítulo "VI – O purgatório" ([108]), se lê:

> 8. **O Espiritismo, portanto, não veio negar a penalidade futura, veio, ao contrário, confirmá-la**. O que ele destrói é o inferno localizado, com suas fornalhas e suas penas irremissíveis. Ele não nega o purgatório, porquanto prova que nele nós estamos; ele o define e o expõe com clareza e rigor, explicando a causa das misérias terrestres, e por isso faz que nele acreditem aqueles que o negam.
>
> […].
>
> 9. **Que o castigo, quer se verifique na vida espiritual ou na Terra, e qualquer que seja a sua duração, sempre tem um fim, próximo ou**

> **distante**. Na realidade, portanto, não há para o espírito mais que duas alternativas: **punição temporária graduada segundo a culpabilidade, e recompensa graduada segundo o mérito**. O Espiritismo não aceita a terceira alternativa, a da eterna condenação. O inferno permanece como figura simbólica dos maiores sofrimentos cujo término é desconhecido. O purgatório é a realidade.
>
> A palavra *purgatório* traduz a ideia de um lugar que tem limites determinados; eis por que é aplicada mais naturalmente à Terra, considerada como lugar de expiação, do que ao Espaço infinito onde erram os espíritos sofredores, e além disso a natureza da expiação terrestre é uma verdadeira purificação. ([109]) (itálico do original)

c) No capítulo “VII – Doutrina das penas eternas” ([110]), no tópico “Argumento em apoio das penas eternas” ([111]), item 12, Allan Kardec discorrendo sobre o dogma da eternidade das penas, entre várias coisas, disse:

> […] **A punição que ela sofre é uma advertência do mal que praticou, e que deve ter como resultado sua recondução ao bom caminho.** Se a pena fosse irremissível, o desejo de proceder melhor seria supérfluo; por conseguinte, o desígnio providencial da criação

> não poderia ser alcançado, porque haveria seres predestinados à felicidade e outros ao infortúnio. Se uma alma culpada se arrepende, ela pode tornar-se boa, e podendo tornar-se boa, ela pode aspirar à felicidade; Deus seria justo se lhe recusasse os meios para isso? ([112])

O uso do termo punição somente não faz sentido caso se acredite que haja uma consequência infeliz proveniente do mal que se praticou, portanto, estamos falando exatamente da lei de causa e efeito.

d) No capítulo “VIII – As penas futuras segundo o Espiritismo” ([113]), merece destaque o tópico “Código penal da vida futura” ([114]), onde são listados vários itens, dos quais transcrevemos os seguintes:

> 1º) A alma ou espírito **sofre, na vida espiritual, as consequências de todas as imperfeições** das quais não se libertou durante a vida corporal. Seu estado, feliz ou infeliz, está intimamente ligado ao grau de sua depuração ou de suas imperfeições.
>
> 2º) Todos os espíritos sendo perfectíveis, em virtude da lei do progresso, **cada um traz em si os elementos da sua felicidade ou da sua infelicidade futura**, e os meios de adquirir uma e evitar a outra trabalhando para o seu próprio

adiantamento.

3º) A felicidade perfeita está ligada à perfeição, isto é, à depuração completa do espírito. **Toda imperfeição é ao mesmo tempo uma causa de sofrimento e de privação de prazer**, do mesmo modo que toda qualidade adquirida é uma causa de prazer e de atenuação de sofrimentos. Daí resulta que a soma da felicidade e dos sofrimentos é proporcional à soma das qualidades boas ou más que o espírito possui.

4º) **A punição sempre é a consequência natural da falta cometida**. O espírito sofre pelo próprio mal que fez, de maneira que, tendo a sua atenção incessantemente dirigida para as consequências desse mal, melhor ele compreende os seus inconvenientes e é encorajado a corrigir-se dele.

5º) **A punição varia segundo a natureza e a gravidade da falta**; a mesma falta pode assim dar lugar a expiações diferentes, segundo as circunstâncias atenuantes ou agravantes nas quais ela foi cometida.

6º) Não há, com relação à natureza, à intensidade e à duração do castigo, nenhuma regra absoluta e uniforme; **a única lei geral é que toda falta recebe sua punição e toda boa ação, sua recompensa**, segundo seu valor.

7º) A justiça de Deus sendo infinita, **o bem e o mal são rigorosamente levados em conta**; se **não há uma só ação má, um só mau pensamento que não tenha as suas consequências fatais**, não há uma só boa ação,

um só bom impulso da alma, em uma palavra, o mais pequeno mérito que seja perdido, mesmo entre os mais perversos, porque é um início de progresso.

Toda falta cometida, todo mal realizado, é uma dívida contraída que deve ser paga; se não o for em uma existência, o será na seguinte ou nas seguintes, porque todas as existências são solidárias umas com as outras. Aquele que paga uma dívida na existência presente não terá que pagá-la uma segunda vez.

O espírito sofre a pena das suas imperfeições, seja no mundo espiritual, seja no mundo corporal. Todas as misérias, **todas as vicissitudes que se sofrem na vida corporal são o resultado das nossas imperfeições, expiações de faltas cometidas**, seja na existência presente, seja nas precedentes.

Pela natureza dos sofrimentos e das vicissitudes que se suportam na vida corporal, **pode-se fazer uma ideia da natureza das faltas cometidas** em uma existência precedente, e das imperfeições que são a sua causa. ([115])

12º […].

O arrependimento pode acontecer em qualquer parte e em qualquer época; se ele for tardio o culpado sofrerá por muito mais tempo.

A expiação consiste nos sofrimentos físicos e morais, que são a consequência da falta cometida, seja desde a vida atual, seja após a morte, na vida espiritual, seja em uma nova

existência corporal, até que os traços da falta tenham desaparecido.

A reparação consiste em fazer o bem àquele a quem se fez o mal. **Aquele que não repara seus erros nesta vida, por impossibilidade ou má vontade, se reencontrará, em uma existência posterior, em contato com as mesmas pessoas que tiveram queixas dele**, e nas condições escolhidas por ele mesmo, de forma que possa provar-lhes a sua dedicação, e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes tenha feito. ([116])

14º) Diante dessa lei, igualmente desaparece a objeção extraída da presciência divina. Deus, criando uma alma, sabe, efetivamente, se, em virtude do seu livre-arbítrio, ela seguirá o bom ou o mau caminho; **sabe que ela será punida se fizer o mal**, mas sabe também que esse castigo temporário é um meio de fazê-la compreender seu erro e de fazê-la entrar no bom caminho, onde ela chegará cedo ou tarde. […].

15º) **Cada um é responsável somente por suas próprias faltas**; ninguém sofre a pena das faltas dos outros, ([117]) a menos que a elas tenha dado ensejo, seja provocando-as por seu exemplo, seja não as impedindo quando tinha condições de fazê-lo.

Responde-se não somente pelo mal que se fez, mas também pelo bem que se podia ter feito e não se fez.

É assim, por exemplo, que o suicida sempre é punido; mas aquele que, por sua crueldade, leve

uma pessoa ao desespero e daí a se destruir, sofre uma pena ainda maior. ([118])

20º) **O meio de se evitar ou de atenuar as consequências, na vida futura, dos erros cometidos é desfazê-los** o mais possível na vida presente; **é reparar o mal, para não se ter de repará-lo mais tarde** de uma forma mais terrível. Quanto mais se demora em se desfazer dos defeitos, mais penosas são as consequências e mais rigorosa a reparação que deve ser feita.

21º) A situação do espírito, desde sua entrada na vida espiritual, é a que ele preparou para si na vida corporal. Mais tarde, uma outra encarnação lhe é dada, e algumas vezes imposta, para a expiação e a reparação por novas provas; ele, porém, a aproveita mais ou menos, por causa do seu livre-arbítrio; se não a aproveita, terá uma tarefa para recomeçar cada vez em condições mais penosas; de maneira que **se pode dizer que aquele que sofre muito sobre a Terra tinha muito a expiar;** aqueles que desfrutam de uma felicidade aparente, apesar dos seus vícios e da sua inutilidade, tenham certeza de que irão pagá-la muito caro em uma existência posterior. é nesse sentido que Jesus disse: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados.” (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. V.)

22º) A misericórdia de Deus é infinita, sem dúvida, porém, não é cega, e ela impõe como condição: o arrependimento, a expiação e a reparação. **O culpado a quem Deus perdoa não é isento, e enquanto não satisfizer essas**

condições, ele sofre as consequências das suas faltas. Por misericórdia infinita, é preciso entender que Deus não é implacável, e sempre deixa aberta uma porta para o retorno ao bem.

23º […] **Às penas que o espírito sofre na vida espiritual** vêm se juntar as da vida corporal, que são a consequência das imperfeições do homem, de suas paixões, do mau emprego de suas faculdades, e a expiação de suas faltas presentes e passadas. **É na vida corporal que o espírito repara o mal de suas existências anteriores**, que põe em prática as resoluções tomadas na vida espiritual. Assim se explicam essas misérias e essas vicissitudes que, à primeira vista, parecem não ter razão de ser, mas são muito justas por serem a quitação do passado e porque servem para o nosso adiantamento. ([119]) ([120])

25º […] Apesar da diversidade dos gêneros e dos graus de sofrimento dos espíritos imperfeitos, o código penal da vida futura pode se resumir nestes três princípios:

• O sofrimento está ligado à imperfeição.

• **Toda imperfeição, e toda falta que é procedente dessa imperfeição, traz consigo seu próprio castigo, por suas consequências naturais e inevitáveis**, como a doença é a consequência dos excessos, o tédio é a consequência da ociosidade, sem que haja necessidade de uma condenação especial para cada falta e cada indivíduo.

• Todo homem, podendo se desfazer das suas

> imperfeições por efeito da sua vontade, pode se poupar dos males que são consequentes dessas imperfeições, e assegurar sua felicidade futura. ([121])
>
> **Esta é a lei da justiça divina: a cada um segundo suas obras, no céu como na Terra.** ([122]) (itálico do original)

Ao finalizar, referindo-se a esta fala de Jesus "*a cada um segundo as suas obras*", Allan Kardec, a nosso ver, está justamente colocando todas as nossas ações debaixo da lei de causa e efeito.

e) Do capítulo "X – Intervenção dos demônios nas modernas manifestações", transcrevemos:

> 12. Se admitirmos a falibilidade dos anjos, como também a dos homens, **a punição é uma consequência natural e justa da falta**; porém, se admitirmos ao mesmo tempo a possibilidade do resgate, pelo retorno ao bem, a obtenção do perdão após o arrependimento e a expiação, não há nada que desminta a bondade de Deus. […]. ([123])

2) Segunda Parte – Exemplos

2.1) No capítulo "III – Espíritos em condições medianas"

a) Da mensagem de Anna Belleville, ressaltamos o seguinte trecho:

> Prolonguei por mim mesma esses sofrimentos. O desejo ardente de viver, por amor aos filhos, fazia com que me agarrasse de alguma sorte à matéria e, ao contrário dos outros, eu não queria abandonar o pobre corpo com o qual era forçoso romper, se bem que ele fosse para mim o instrumento de tantas torturas. Eis aí a verdadeira causa da minha longa agonia. **Quanto à moléstia e aos sofrimentos que padeci, eram expiação do passado, uma dívida a mais que paguei**. ([124])

2.2) No capítulo “IV – Espíritos sofredores”

a) Na comunicação de Ferdinand Bertin, temos este trecho da explicação de São Luís:

> Esta confissão trará grande alívio ao Espírito, que realmente foi bem culpado! Honrosa, porém, foi a existência que acaba de deixar; era amado e estimado de seus chefes. Tudo isso era fruto do seu arrependimento e das boas resoluções que tomou antes de voltar à Terra, onde desejara ser humano, tanto quanto fora cruel no passado. O devotamento de que deu provas era uma reparação, **sendo-lhe porém preciso resgatar as faltas passadas por uma expiação final: a da morte cruel que padeceu**. Ele mesmo quis

depurar-se pelo sofrimento das torturas que infligira a outrem; mas reparai que uma ideia o persegue: o pesar de ser tido como mártir. […]. ([125])

b) Do caso Claire, trazemos estas explicações do Codificador:

Estudos sobre as comunicações de Claire.

Essas comunicações são principalmente instrutivas quando nos mostram um dos aspectos mais comuns da vida: o do egoísmo. Nele não se encontram esses grandes crimes que espantam até os homens perversos, mas a condição de uma multidão de pessoas que vivem no mundo, honradas e procuradas, porque têm um certo conhecimento superficial, e porque não caem sob a punição das leis sociais. Essas pessoas não têm, no mundo dos espíritos, castigos excepcionais cuja descrição faça estremecer, mas uma situação simples, natural, resultante da sua maneira de viver e do estado da sua alma. **O isolamento, o desprezo, o abandono, eis a punição daquele que viveu apenas para si**. Clara, como se viu, era um espírito muito inteligente, mas um coração insensível; […].

Na sequência se estabelece um diálogo com S. Luís:

O espírito de Claire fala das trevas em que se encontra o espírito de seu marido. Muitos espíritos já falaram dessas trevas que cercam certas almas

sofredoras. Seriam essas as trevas das quais espíritos sofredores tão frequentemente se fala nas *Escrituras*, quando é dito: “Os maus serão lançados nas trevas, no negro abismo”? ([126])

Como são produzidas essas trevas, já que no mundo dos espíritos, não existem as mesmas causas de alternativa de luz e de claridade que existem na Terra?

Esse castigo é destinado a certas faltas mais especialmente que a outras, e quais são essas faltas?

R. “As trevas a que se referem, na realidade, são aquelas designadas por Jesus e pelos profetas, falando do **castigo dos maus**. Mas isso ainda é apenas uma figura destinada a impressionar vivamente os sentidos materiais dos seus contemporâneos que não teriam podido compreender a punição de uma forma espiritual. Certos espíritos são lançados nas trevas, mas é preciso compreender essas palavras como uma verdadeira noite da alma, comparável à obscuridade que atinge a inteligência do idiota. ([127]) Não é uma loucura da alma, mas uma inconsciência de si mesma e do que a cerca que se produz tanto diante como na ausência da luz material. é principalmente a punição daqueles que duvidaram do destino do seu ser; acreditaram no nada, e a aparência desse nada faz o seu suplício, até que essa alma, fazendo um retorno sobre si mesma, possa romper com energia a rede de abatimento moral que a prendeu, da mesma forma que um homem, oprimido por um sonho penoso,

> luta em um certo momento, com toda a força de suas faculdades, contra os terrores pelos quais inicialmente se deixou dominar. Essa momentânea redução da alma a um nada fictício, com a consciência da sua existência, é um sofrimento mais cruel do que se poderia imaginar, em razão dessa aparência de repouso pela qual é atingida; é esse repouso forçado, essa nulidade do seu ser e essa incerteza que são o seu suplício. O tédio, de que está sobrecarregada, é o castigo mais terrível, porque Claire não percebe nada em torno de si, nem coisas nem seres, e isso, para ela, são verdadeiras trevas.
>
> São Luís ([128]) (itálico do original)

2.3) No capítulo “V – Suicidas”,

a) No caso – O suicida da Samaritana, Allan Kardec, comentando sobre o suicídio, conclui dizendo:

> […] No exemplo acima, ela é um verdadeiro suplício pela sensação dos vermes roendo o corpo, e pela **sua duração que deve ser aquela que teria tido a vida desse homem se ele não a tivesse abreviado**. Esse estado é frequente entre os suicidas, mas ele não se apresenta sempre em condições idênticas; ele varia, principalmente em duração e em intensidade, segundo as circunstâncias agravantes ou atenuantes da falta. a

sensação dos vermes e da decomposição do corpo não acontece apenas aos suicidas; ela é comum entre aqueles que viveram mais da vida material que da espiritual. **Em princípio, não existe erro que não seja punido**; mas não há uma regra uniforme e absoluta nos meios de punição. ([129])

b) E sobre o caso – O Pai e o conscrito, lemos:

10. *Pergunta ao Espírito São Luís*: Poderíeis nos dar vossa apreciação pessoal sobre o ato praticado pelo espírito que acabamos de evocar?

R. Esse espírito sofre justamente, porque **lhe faltou confiança em Deus, o que é uma falta sempre punível**; a punição seria terrível e muito longa se ele não tivesse um motivo louvável, que era o de impedir que seu filho fosse ao encontro da morte; Deus, que vê o fundo dos corações, e que é justo, o **pune apenas por suas obras**. ([130]) (itálico do original)

c) E dos comentários do caso – Antoine Bell, ressaltamos:

[…] Antoine Bell nos mostrou, além disso, o fato não menos instrutivo de um homem perseguido pela lembrança de um crime cometido em uma existência anterior, como um remorso e uma advertência. Vemos por aí que **todas as**

> **existências são solidárias umas às outras**; a justiça e a bondade de Deus sobressaem na faculdade que ele deixa ao homem de se melhorar gradualmente, sem jamais lhe fechar a porta para o resgate de suas faltas; **o culpado é punido por sua própria falta, e a punição, em vez de ser uma vingança de Deus, é o meio empregado para fazê-lo progredir.** ([131])

2.4) No capítulo “VIII – Expiações terrestres”

a) No caso Szymel Slizgol é informado que passou 30 anos mendigando. Vejamos um trecho de sua explicação:

> **Há muitos séculos, eu vivia com o título de rei, ou, pelo menos, de príncipe soberano**. Dentro do círculo do meu poder, relativamente estreito comparado aos vossos países atuais, eu era o **senhor absoluto do destino dos meus súditos: agia como tirano, ou melhor, como carrasco**.
>
> Com um caráter arrogante, violento, avaro e sensual, podeis imaginar qual deveria ser a sorte dos pobres seres que viviam sob as minhas leis. **Eu abusava do meu poder para oprimir o fraco**, para obrigar toda espécie de profissões, de trabalhos, de paixões e de dores, a contribuírem, de qualquer maneira, para o serviço das minhas próprias paixões. Assim, eu **atingia com um**

tributo o produto da mendicância; ninguém podia mendigar sem que, antecipadamente, eu tomasse a minha grande parte do que a piedade humana deixava cair na escarcela ([132]) da miséria. Mais que isso, **a fim de não diminuir o número de mendigos entre meus súditos, proibi que os infelizes dessem aos seus amigos, aos seus parentes, aos seus próximos necessitados, a escassa parte que restava para esses pobres seres**. Em uma palavra, fiz tudo o que existe de mais impiedoso em relação ao sofrimento e à miséria.

[…] Permaneci durante três séculos e meio no estado de espírito errante, e quando, ao final desse espaço de tempo, compreendi que o objetivo da encarnação era completamente diferente daquele que meus grosseiros e obtusos sentidos me haviam feito perseguir, **obtive, a poder de preces, de resignação e de lamentos, permissão para receber a tarefa material de passar pelos mesmos sofrimentos, e ainda mais, que eu fizera outros suportarem**. Obtida essa permissão, Deus concedeu-me o direito de aumentar, por meu livre-arbítrio, meus sofrimentos morais e físicos. […]. ([133])

b) Caso Julienne-Marie, a mendiga, que manifestando, explica:

"Obrigada por terdes a bondade de admitir-me em vosso meio, caro presidente; pudestes

perceber que minhas existências anteriores foram mais elevadas em posição social; se **voltei à Terra para sofrer a prova da pobreza**, foi para me punir de um orgulho fútil que me fizera repelir quem era pobre e miserável. Então, **passei pela justa lei de talião**, ([134]) que me tornou a mais horrível mendiga desta região; e, como para me provar a bondade de Deus, eu não era repelida por todos: esse era todo o meu receio; assim, suportei minha prova sem me queixar, pressentindo uma vida melhor da qual não devia mais retornar a esta Terra de exílio e de desgraça. ([135])

c) Caso Antonio B... (Enterrado vivo – A pena de talião), vejamos a narrativa:

O senhor Antonio B., escritor de mérito estimado por seus concidadãos, tendo exercido com distinção e integridade funções públicas na Lombardia, por volta de 1850, **após um ataque de apoplexia, caiu em um estado de morte aparente** que, infelizmente, foi considerada, como acontece muitas vezes, como morte verdadeira. O equívoco foi mais fácil ainda porque se acreditou perceber no corpo sinais de decomposição. **Quinze dias após o enterro, uma circunstância imprevista determinou que a família pedisse a exumação**; tratava-se de um medalhão esquecido por descuido dentro do caixão; mas o assombro dos assistentes foi grande quando, **na abertura, verificou-se que o corpo havia mudado de**

> **posição, que estava revirado**, e, coisa horrível, que uma das mãos fora em parte comida pelo defunto. Tornou-se evidente que o infeliz havia sido enterrado vivo; ele devia ter sucumbido sob os tormentos do desespero e da fome. ([136])

Do seu diálogo, destacamos a seguinte resposta a uma pergunta que lhe foi dirigida:

> 8. Dissestes: **cruel punição de uma feroz existência**, mas a vossa reputação, até hoje intacta, não faria supor nada parecido. Podeis nos explicar isso?
>
> R. O que é a duração de uma existência na eternidade! Por certo, procurei agir direito na minha última encarnação; mas este final eu o aceitara antes de retornar à humanidade. Ah! por que me interrogar sobre esse passado doloroso que só eu conhecia, bem como os espíritos, ministros do Todo-poderoso? Sabei pois, já que preciso vos contar, que **em uma existência anterior, eu havia emparedado uma mulher, a minha, e viva, em uma pequena adega!** Foi a pena de talião que eu devia aplicar em mim. Dente por dente, olho por olho. ([137])

O próprio Espírito reconhece que lhe foi aplicada a pena de talião, ou seja, a lei de causa e efeito, que lhe exige passar pela mesma situação

que fizera à sua esposa em vida passada.

Vejamos também a mensagem “Reflexões de Erasto” onde ele explica:

> O que deveis tirar deste ensinamento é que todas as vossas existências se ligam, e que nenhuma é independente das outras; **os cuidados, os aborrecimentos, como as grandes dores que magoam os homens, são sempre as consequências de uma vida anterior criminosa ou mal empregada**. No entanto, devo dizê-lo, os fins semelhantes ao de Antônio B... são raros, e se esse homem, cuja última existência foi isenta de censura, acabou desse modo, foi porque **ele mesmo solicitou uma morte semelhante, a fim de abreviar o tempo de sua erraticidade e alcançar mais rapidamente as esferas elevadas**. Com efeito, depois de um período de perturbação, para expiar ainda seu crime espantoso, ele será perdoado e se elevará para um mundo melhor, onde encontrará a sua vítima que o espera e que já há muito tempo o perdoou. Sabei, pois, tirar o vosso proveito desse exemplo cruel, para **suportar com paciência, ó meus caros Espíritas, os sofrimentos corporais, os sofrimentos morais, e todas as pequenas misérias da vida**.
>
> P. Que proveito a humanidade pode tirar de semelhantes punições?
>
> R. Os castigos não são aplicados para o desenvolvimento da humanidade, mas para

> castigar o indivíduo culpado. Realmente, a humanidade não tem nenhum interesse em ver sofrer um dos seus. Neste caso **a punição foi apropriada à falta cometida.** Por que existem loucos? Cretinos? Pessoas paralíticas? Por que existem aqueles que morrem no fogo? E aqueles que vivem anos nas torturas de uma longa agonia, não podendo viver nem morrer? ah! acreditai no que digo, respeitai a soberana vontade e não procureis investigar a razão das decisões da Providência; aprendei isto: **Deus é justo e faz bem o que faz**. ([138])

O interessante é que, muitas vezes, somos nós mesmos quem pedimos determinação situação aproveitando-a para “apressar” nossa evolução moral.

Segue o comentário de Allan Kardec do qual destacamos o seguinte trecho:

> Não existe neste fato um grande e terrível ensinamento? **A justiça de Deus atinge sempre o culpado**, e por ser algumas vezes tardia, ela não deixa de seguir o seu curso. Não é elevadamente moral saber que se grandes culpados acabam sua existência tranquilamente, e muitas vezes na abundância dos bens terrestres, a hora da expiação cedo ou tarde chegará? Compreendem-se penas dessa natureza não só porque estão de

alguma forma sob os nossos olhos, mas porque são lógicas; nelas se acredita porque a razão as admite.

Uma existência honrada, portanto, não exclui as provas da vida, porque as escolhemos ou aceitamos como complemento de expiação; **é o saldo de uma dívida que se paga** antes de receber o preço do progresso realizado. ([139])

d) Caso Senhor Letil, no início do relato, lemos:

O senhor Letil, dono de uma fábrica nos arredores de Paris, **morreu, em abril de 1864, de uma forma horrível. Uma caldeira de verniz que estava fervendo pegou fogo e tombou sobre ele**; num relance, o senhor Letil foi coberto por uma matéria incendiada e compreendeu imediatamente que estava perdido. [..]. ([140])

Manifestando-se, explica o motivo de ter morrido daquela forma:

Há dois séculos, mandei colocar sobre uma fogueira uma jovem inocente, como se é inocente na sua idade, tinha de 12 a 14 anos aproximadamente. De que a acusavam? Ai de mim! De haver sido cúmplice de uma intriga contra a política sacerdotal. Eu **era italiano, e juiz inquisidor**; os carrascos não ousavam tocar o

> corpo da criança, eu mesmo fui o juiz e o carrasco. **Ó justiça, justiça de Deus, tu és grande! a ti me submeti**; havia prometido tanto não vacilar no dia do combate que tive a força de manter a palavra; não me queixei, e vós me perdoastes, ó meu Deus. […]. ([141])

Bem disse Jesus: Mateus 26,52: "*todos os que usam a espada, pela espada morrerão*."

e) Caso Um cientista ambicioso, que, no início de sua mensagem, faz esta interessante colocação:

> "**Na existência humana, tudo tem a sua razão de ser; não há um só sofrimento dos que causastes que não encontre uma repercussão nos sofrimentos por que passais**; nenhum dos vossos excessos que não encontre contrapartida em uma de vossas privações; uma lágrima que caía dos vossos olhos sem ser para lavar uma falta, algumas vezes um crime. Sofrei, portanto, com paciência e resignação vossas dores físicas e morais, por mais cruéis que elas vos pareçam, e pensai no lavrador, cujos membros são alquebrados pela fadiga, mas continua sua obra sem se deter porque tem diante dele as espigas douradas que serão o fruto da sua perseverança. […]. ([142])

Resignação diante da dor e do sofrimento,

porquanto Deus é justo e jamais nos aplicaria uma "pena" caso não a merecêssemos.

n) *Revista Espírita 1867*

No mês de maio foi publicado o artigo "Uma expiação terrestre" que conta o caso de um jovem de doze anos, cuja vida, durante nove anos, não havia sido senão um sofrimento contínuo. Atingido de paralisia e de hidropsia, seu corpo estava coberto de feridas invadidas pela gangrena e suas carnes caiam em pedaços. Quando tinha três anos, sua mãe concebeu uma menina, pela qual ele tinha uma repulsa tal que não podia suportar a sua presença. Manifestou-se várias vezes após sua morte, demonstrando compreender a razão de todo o seu sofrimento quando vivo. Eis em resumo o caso, a partir daqui passamos a transcrever:

> *Pergunta* (ao guia do médium). Por que a expiação e o arrependimento na vida espiritual não bastam para a reabilitação, sem que sejam necessários a eles acrescentar os sofrimentos corporais?
>
> *Resposta*. Sofrer num mundo ou num outro, é

sempre sofrer, e sofre-se tão longo tempo quanto a reabilitação não seja completa. Esta criança sofreu muito sobre a Terra; pois bem! isso não foi nada em comparação com o que ela sofreu no mundo dos Espíritos. Aqui tinha, em compensação, os cuidados e a afeição dos quais estava cercado. **Há ainda esta diferença entre o sofrimento corporal e o sofrimento espiritual, que o primeiro é quase sempre voluntariamente aceito como complemento de expiação, ou como prova para avançar mais rapidamente, ao passo que o outro é imposto**.

Mas há outros motivos para o sofrimento corporal: primeiro, **é para que a reparação tenha lugar nas mesmas condições em que o mal foi feito**; depois, para servir de exemplo aos encarnados. Vendo seus semelhantes sofrerem e disto sabendo a razão, são bem de outro modo impressionados do que saber que são infelizes como Espíritos; podem explicar melhor a causa de seus próprios sofrimentos; a justiça divina se mostra, de alguma sorte, palpável aos seus olhos. Enfim, o sofrimento corporal é uma ocasião, para os encarnados, de exercerem, entre eles, a caridade, uma prova para seus sentimentos de comiseração, e, **frequentemente, um meio de reparar os erros anteriores**; porque, crede-o bem, quando um infortunado se encontra sobre vosso caminho, não é o efeito do acaso. **Para os pais do jovem François era uma grande prova ter um filho nessa triste posição**; pois bem! eles cumpriram dignamente seu mandato, e disso serão tanto mais recompensados quanto agiram

> espontaneamente, pelo próprio impulso de seu coração. **Se os Espíritos não sofressem na encarnação, é que não haveria senão Espíritos perfeitos sobre a Terra**. ([143])

Do artigo “Epidemia da Ilha Maurice”, sobre a terrível epidemia que devastava a população, que gerou uma mensagem, cuja autoria não foi identificada, publicado em julho, transcrevemos o seguinte parágrafo:

> “Eu, neste momento personalidade espiritual, frequentemente acusado pelas personalidades terrestres, de brutalidade, de dureza, de insensibilidade!… É verdade, contemplo com calma todos esses flageles destruidores, todos esses terríveis sofrimentos físicos; sim, eu atravesso sem me emocionar todas essas planícies devastadas, juncadas de restos humanos! Mas se pude fazê-lo, foi porque a minha visão espiritual se leva além desses sofrimentos; é que, antecipando sobre o futuro, ele se apoia sobre o bem-estar geral que será a consequência desses males passageiros para a geração futura, para vós mesmos que fareis parte dessa geração, e que **recolhereis então os frutos que tiverdes semeado**.” ([144])

Em setembro, foi publicado o artigo “Caracteres da Revelação Espírita” ([145]) ([146]), do qual destacamos os três seguintes itens:

> 31. - Pelas relações que o homem pode agora estabelecer com aqueles que deixaram a Terra, há não só a prova material da existência e da individualidade da alma, mas compreende a solidariedade que religa os seres e os mortos deste mundo, e aqueles deste mundo com aqueles dos outros mundos. **Ele conhece sua situação no mundo dos Espíritos**; segue-os em suas migrações; é testemunha de suas alegrias e de suas dificuldades; sabe porque são felizes ou infelizes, e **a sorte que espera ele mesmo segundo o bem ou o mal que fez**. […].
>
> 32. - Pelo estudo da situação dos Espíritos, o homem sabe que a felicidade e a infelicidade na vida espiritual são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; **cada um sofre as consequências diretas e naturais de suas faltas, de outro modo dito, ele é punido por onde pecou**; que essas consequências duram tão longo tempo quanto a causa que as produziu; que, assim, o culpado sofreria eternamente, se persistisse eternamente no mal, mas que o sofrimento cessa com o arrependimento e a reparação; ora, como **depende de cada um se melhorar, cada um pode, em virtude de seu livre arbítrio, prolongar ou abreviar seus sofrimentos**, como o doente sofre

de seus excessos por tão longo tempo que não lhe ponha um fim. ([147])

42. – Se se considera, além disso, o poder moralizador do Espiritismo pelo objetivo que ele assinala para **todas as ações da vida, pelas consequências do bem e do mal** que ele faz tocar com o dedo; a força moral, a coragem, as consolações que dá nas aflições por uma inalterável confiança no futuro, […]. ([148])

o) *A Gênese* (1868)

Do capítulo "I – Natureza da Revelação Espírita", transcrevemos:

Pelo estudo da situação dos espíritos, o homem sabe que a felicidade e a desventura, na vida espiritual, são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; **que cada um sofre as consequências diretas e naturais de suas faltas, quer dizer, que ele é punido por onde pecou**; que essas consequências duram tanto tempo quanto a causa que as originou […] mas que o sofrimento cessa com o arrependimento e a reparação. Ora, como depende de cada um o seu aperfeiçoamento, cada um pode, em virtude do livre-arbítrio, prolongar ou abreviar seus sofrimentos, como o doente que sofre pelos seus excessos enquanto para de praticá-los. ([149])

Se o homem é punido onde pecou, não tem como tergiversar isso é puramente a lei de causa e efeito.

Do capítulo “III – O bem e o mal”, item 6, ressaltamos:

> Deus estabeleceu leis plenas de sabedoria, que só têm por único objetivo o bem. O homem encontra em si mesmo tudo o que é preciso para segui-las; a rota é traçada por sua consciência; a lei divina está gravada no seu coração; […] *Se o homem se adaptasse rigorosamente às leis divinas, não há dúvida de que evitaria os males mais agudos e de que viveria feliz na Terra*. **Se não procede assim, é em razão do seu livre-arbítrio e sofre as consequências disso**. ([150]) (itálico do original)

O fato do homem sofrer as consequências pelo uso do livre-arbítrio, significa que não há como fugir da lei de causa e efeito. Simples assim!

Do tópico “Doutrina dos anjos decaídos”, do capítulo “XI – Gênese Espiritual”, destacamos o item 44:

> Então, logo que um mundo atinge um dos seus períodos de transformação, que deve fazê-lo subir na hierarquia, ocorrem mudanças na sua população encarnada e desencarnada; **é quando acontecem as grandes emigrações e imigrações.** Aqueles que, apesar da sua inteligência e do seu saber, perseveram no mal, na sua revolta contra Deus e suas leis, seriam dali por diante um obstáculo ao progresso moral posterior, uma causa permanente de perturbação para a tranquilidade e felicidade dos bons, razão por que eles **são excluídos e enviados para mundos menos adiantados. Nestes mundos** eles aplicarão sua inteligência e a intuição dos conhecimentos que adquiriram para o progresso daqueles entre os quais foram chamados a viver, **ao mesmo tempo em que expiarão, em uma série de existências penosas e por meio de um árduo trabalho, as suas faltas passadas** e o seu endurecimento *voluntário*. ([151]) (itálico do original)

Os Espíritos persistentes no erro ao serem enviados a uma nova reencarnação em mundo inferior, além de ali expiarem as faltas do passado, terão a missão de ajudar a seus habitantes a evoluírem, levando-lhes seus conhecimentos.

Do capítulo “XV – Os milagres do Evangelho”, citaremos os casos dos paralíticos:

1º caso: **O paralítico**

14. Tendo entrado numa barca, Jesus atravessou o lago e veio à sua cidade (Cafarnaum). Como lhe apresentassem um paralítico deitado em um leito, Jesus, vendo a sua fé, disse ao paralítico: “Meu filho, tem confiança; os teus pecados te são perdoados”.

Logo, alguns dos escribas disseram entre si: “Este homem blasfema.” Mas Jesus, *sabendo o que eles pensavam*, perguntou-lhes: “Por que alimentais maus pensamentos em vossos corações? Pois, o que é mais fácil, dizer: Teus pecados te são perdoados, ou dizer: Levanta-te e anda? Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem na Terra o pode de perdoar os pecados Levanta-te, disse então ao paralítico, toma o teu leito e vai para a tua casa”.

15. O que podiam significar estas palavras: “Teus pecados te são perdoados” e em que elas podiam servir para a cura? O Espiritismo apresenta a explicação dessas, assim como de uma infinidade de outras palavras, até hoje incompreendidas. Ele nos ensina, pela lei da pluralidade das existências, que **os males e as aflições da vida são muitas vezes expiações do passado, e que nós sofremos na vida presente as consequências das faltas que cometemos em uma existência anterior**, sendo as diferentes existências solidárias umas com as outras até que se tenha pago a dívida dessas imperfeições.

Se, portanto, **a enfermidade daquele homem era uma punição pelo mal que ele havia cometido**, a afirmação de Jesus: “Teus pecados te são perdoados” equivalia a dizer-lhe: “Pagaste a tua dívida; a causa da tua enfermidade desapareceu por causa da tua fé e assim sendo mereces ficar livre dela.” É por isso que Jesus disse aos escribas: “É tão fácil dizer: teus pecados te são perdoados, como dizer: levanta-te e anda.” **Cessada a causa, o efeito tem que cessar**. É exatamente o caso do preso a quem se diz: “O teu crime está expiado e perdoado,” o que equivaleria a dizer: “Podes sair da prisão.” ([152]) (itálico do original)

2º caso: **O paralítico da piscina**

21. Depois disso, tendo chegado a festa dos judeus, Jesus foi a Jerusalém. Ora, havia em Jerusalém a piscina das ovelhas – que em hebreu se chama *Betsaida* – que tinha cinco galerias, onde se achavam deitados um grande número de doentes, de cegos, de coxos, e os que tinham os membros ressecados, todos à espera de que as águas fossem agitadas. Porque o anjo do Senhor, em um certo momento, descia àquela piscina e movimentava a sua água; aquele que fosse o primeiro a entrar nela, depois da água ter sido movimentada, ficava curado de qualquer doença que tivesse.

Ora, lá estava um homem que se encontrava

doente há trinta e oito anos. Jesus, tendo-o visto deitado, e sabendo-o doente desde longo tempo, perguntou-lhe: “Queres ficar curado?” O doente respondeu: “Senhor, não tenho ninguém para me jogar na piscina depois que a água for movimentada; e, durante o tempo que levo para chegar lá, um outro desce antes de mim.” Disse-lhe Jesus: “Levanta-te, toma o teu leito e anda.” No mesmo instante o homem foi curado e, pegando o seu leito, pôs-se a andar. Ora, aquele dia era um sábado.

Os judeus então disseram àquele que fora curado: “Hoje é sábado, não é permitido que leves o teu leito.” O homem respondeu: “Aquele que me curou disse: toma o teu leito e anda.” Eles perguntaram-lhe então: “Quem foi que te disse: toma o teu leito e anda?” Mas, aquele que fora curado não sabia quem ele era, porquanto Jesus se retirara do meio da multidão que estava lá.

Depois, Jesus encontrou aquele homem no Templo, e lhe disse: “Vês que foste curado; não peques mais no futuro, para que não te aconteça coisa pior.”

O homem foi ao encontro dos judeus e lhes disse que fora Jesus quem o curara. Era por isso que os judeus perseguiam Jesus, porque ele fazia essas coisas no sábado. Então, Jesus lhes disse: “Meu Pai não cessa de agir até o presente e eu também ajo incessantemente.” (João, V: 1 a 17.)

Os judeus disseram, pois, àquele que tinha sido curado: É hoje é sábado; não vos é permitido transportar vosso leito. Ele lhes respondeu: Aquele

que me curou disse-me: Conduzi vosso leito e caminhai. Eles lhe contestaram: Quem, pois, é esse homem que vos disse conduzi vosso leito e caminhai? Mas aquele que tinha curado não sabia onde ele estava, já que Jesus havia se retirado da multidão de pessoas que estava lá.

Depois, Jesus encontrou esse homem no templo e lhe disse: Vede que estais curados, não pequeis mais no futuro, de modo que não vos aconteça coisa pior.

Esse homem se foi encontrar os judeus e lhes disse que fora Jesus que o curara. E é por esta razão que os judeus perseguiram Jesus, porque fazia essas coisas no dia de sábado. Então, Jesus lhes disse: Meu pai não cessa nunca de atuar agora e eu atuo também incessantemente. (São João, cap. V, v.1 a 17)

22. Os romanos chamavam de piscina (do latim *piscis*, peixe) os reservatórios ou viveiros onde se criavam peixes. Mais tarde, a acepção do termo se estendeu aos tanques destinados ao banho em comum.

[…].

Depois de haver curado aquele homem, Jesus lhe disse: “Não peques mais no futuro, para que não te aconteça coisa pior.” Por essas palavras, ele o fez entender que **a sua doença era uma punição, e que, se ele não se melhorasse, poderia ser punido de novo e ainda com mais rigor**. Essa doutrina está inteiramente **de acordo com a que ensina o Espiritismo**. ([153])

Em ambos os casos fica evidente que a doença desses dois homens tinha como causa alguma equivocada ação anterior.

p) *Revista Espírita 1868*

No mês de janeiro temos a mensagem intitulada “Instruções sobre o fato precedente”, sem identificação do Espírito que a ditou, temos suas explicações sobre um estranho caso de violação de sepultura, das quais destacamos o seguinte trecho:

> […] e, e, como o ensina O Livro dos Espíritos, como ensinam todas as comunicações: **o que não está na vida presente, está no passado, onde lhe é preciso procurar a causa. Não estamos neste mundo senão para cumprir uma missão ou pagar uma dívida**; no primeiro caso realiza-se uma tarefa voluntária; no segundo, fazei a contrapartida dos sofrimentos que sentis e tereis a causa desses sofrimentos. ([154])

Se estamos diante de um efeito e temos que procurar a causa no presente ou no passado, então sem nenhuma dúvida, fala-se da lei de causa e efeito.

Em março, registramos o artigo “Correspondência inédita de Lavater (Com a imperatriz da Rússia”. Escritas em 1798, em número de seis, as cartas de Jean-Gaspar Lavater (1741-1801) à Imperatriz Maria Feodorowna, esposa do Imperador Paulo I da Rússia, “*desenvolvem e esclarecem, de maneira tão engenhosa quanto espirituosa, as ideias fundamentais do Espiritismo*.” ([155])

Da primeira carta, datada de 1ª de agosto de 1798, cujo tema é “Sobre o estado da alma depois da morte”, destacamos:

> Tudo o que se pode, e tudo o que não podemos ainda dizer sobre o estado da alma depois da morte, se baseará sempre sobre este único axioma permanente e geral: ***O homem colhe aquilo que semeou.***
>
> É difícil encontrar um princípio mais simples, mais claro, mais abundante e mais próprio para ser aplicado a todos os casos possíveis.
>
> **Existe uma lei geral da Natureza, estreitamente ligada, mesmo idêntica, ao princípio acima mencionado,** concernente ao estado da alma depois da morte, uma lei equivalente em todos os mundos, em todos os

estados possíveis, no mundo material e no mundo espiritual, visível e invisível, a saber:

> “O que se assemelha tende a se reunir, tudo o que é idêntico se atrai reciprocamente, se não existirem obstáculos que se oponham à sua união.”
>
> Toda a doutrina sobre o estado da alma depois da morte está baseada sobre este simples princípio; tudo o que chamamos comumente: julgamento preliminar, compensação, felicidade suprema, condenação, pode ser explicado desta maneira: *“Segundo semeaste o bem em ti mesmo, em outros e fora de ti, pertencerás à sociedade daqueles que, como tu, semearam o bem em si mesmos e fora deles; gozarás da amizade daqueles aos quais te assemelhaste em sua maneira de semear o bem.”* ([156]) (itálico do original)

Mais claro é impossível: “*O homem colhe aquilo que semeou*”.

Um pouco mais à frente, temos o artigo “Ensaio teórico das curas instantâneas”, no qual, a certa altura, o Codificador diz:

> A essa causa toda física de não cura, é preciso acrescentar-lhe uma toda moral que o Espiritismo nos faz conhecer; é que **a maioria das doenças, como todas as misérias humanas, são expiações do presente o do passado,** ou provas

> para o futuro; **são dívidas contraídas das quais se devem suportar as consequências até que se as tenha quitado**. Aquele, pois, não pode ser curado porque deve suportar sua prova até o fim. Este princípio é um motivo de resignação para o doente, mas não deve ser uma desculpa para o médico que procuraria, na necessidade da prova, um meio cômodo de abrigar sua ignorância.

No mês de maio, Allan Kardec publica o artigo “Impressões de um médico materialista no mundo dos Espíritos”, no qual temos o diálogo entre dois Espíritos, através da tiptologia. Destacamos o seguinte trecho da fala do que assinou como Sainte Victoire:

> É preciso esperar na misericórdia de Deus, que é infinita; é preciso perdoar àqueles que nos ofenderam; é preciso amar seu próximo como a si mesmo; é preciso amar a Deus, a fim de que Deus vos ame e vos perdoe; é preciso rogar-lhe e dar-lhe graças por todas as suas bondades, por todas as vossas misérias, porque miséria e felicidade tudo nos vem dele, quer dizer, que tudo nos vem dele segundo o que merecemos.
>
> Aquele que expiou, mais tarde terá a sua recompensa; **cada coisa tem a sua razão de ser**, e **Deus, que é soberanamente bom e justo, dá, a cada um, segundo as suas obras**. Amar e rogar,

eis toda a vida, toda a eternidade. ([157])

A frase “a *cada um, segundo as suas obras*”, como todos sabemos, foi, originalmente, dita por Jesus, que de maneira incontestável reflete a lei de causa e efeito. Julgamos que somente agindo à maneira de um cego não se ver isso.

Ainda em maio, temos o artigo “A fome na Argélia”, do qual merece destaque o seu último parágrafo:

> O fato é que, até hoje, nenhuma filosofia, nenhuma doutrina religiosa tinha resolvido, no entanto, essa grave questão, de um tão poderoso interesse para a Humanidade. Só o Espiritismo lhe dá uma solução racional pela reencarnação, essa chave de tantos problemas que se acreditavam insolúveis. Pelo fato da pluralidade das existências, as gerações que se sucedem são compostas pelos mesmos individuais espirituais que renascem em diferentes épocas, e aproveitam das melhorias que eles mesmos prepararam, da experiência que adquiriram no passado. Não são novos homens que nascem; são os mesmos homens que renasceram mais avançados. Cada geração, trabalhando para o futuro, trabalha em realidade para a sua própria conta. A idade Média, seguramente, foi uma época bem calamitosa; os

> homens daquele tempo, revivendo hoje, se beneficiam do progresso realizado. e são mais felizes, porque têm melhores instituições; mas, quem fez essas instituições melhores? *Eles mesmos que as tinham más outrora*, aqueles de hoje, devendo viver mais tarde, num meio ainda mais depurado, **colherão o que tiverem semeado**; serão mais esclarecidos, e, nem os seus sofrimentos, nem os seus trabalhos anteriores terão sido pura perda. Que coragem, que resignação essa ideia, inculcada no espírito dos homens não lhes daria! (Ver *A Gênese*, cap. XVIII, nºs 34 e 35.) ([158]) (itálico do original)

O entendimento do "*colherão o que tiverem semeado*" não é outro senão da aplicação da lei de causa e efeito.

Em junho, temos em "Nota bibliográfica" referência à obra *A Religião e a Política na Sociedade Moderna*, de Frédérich Herrenschneider, sobre a qual Allan Kardec disse *"Antes de entrar no exame de sua teoria, algumas considerações preliminares nos parecem essenciais."* Delas, destacamos o seguinte trecho:

> Eles [os espíritas] rejeitam o dogma das penas eternas, irremissíveis, como inconciliável com a

> Justiça de Deus; mas **admitem que a alma, depois da morte, sofre e suporta as consequências de todo o mal que ela fez durante a vida, de todo bem que teria podido fazer e não o fez, Seus sofrimentos são a consequência natural de seus atos**; eles duram tanto quanto a perversidade ou a inferioridade moral do Espírito; diminuem à medida que se melhora, e cessam pela reparação do mal; **esta reparação tem lugar nas existências corpóreas sucessivas**. O Espírito, tendo sempre a sua liberdade de ação, **é assim o próprio artífice de sua felicidade e de sua infelicidade neste mundo e no outro**. O homem não é levado fatal mente nem ao bem, nem ao mal; ele realiza um ou o outro por sua vontade, e se aperfeiçoa pela experiência. […]. ([159])

Ora, se a alma "*sofre e suporta as consequências de todo o mal que ela fez*" e se ela "*é assim o próprio artífice de sua felicidade e de sua infelicidade*", então, estamos a nosso ver diante da lei de causa e efeito, uma vez que é por ela que se manifesta a Justiça de Deus.

Em mês de outubro, Allan Kardec publicou o artigo "Efeito moralizador da reencarnação", do qual transcrevemos:

O *Figaro*, de 5 de abril de 1868, o mesmo jornal que, dois dias antes, publicava esta definição da imortalidade: “Conto de enfermeiros, para tranquilizar seus clientes”, e a carta reportada no artigo precedente, continha o seguinte artigo:

“O compositor E… crê firmemente na migração das almas. Ele conta de boa vontade que foi, nos séculos anteriores, escravo grego, depois palhaço e compositor italiano célebre, mas ciumento e impedindo seus confrades de produzirem…

“– Disso sou muito punido hoje, acrescenta com filosofia, cabe a meu turno ser sacrificado aos outros e de me ver barrar os caminhos!

“Esta maneira de se consolar vale bem uma outra.”

Esta ideia é do puro Espiritismo, porque, não só é **o princípio** da pluralidade das existências, mas o **da expiação do passado, pela pena de talião**, nas existências sucessivas, segundo a máxima: “**É-se punido por onde se pecou.**” Esse compositor se explica, assim, as suas tribulações; delas se consola pelo pensamento que não tem senão o que merece; a consequência deste pensamento é que, para não merecê-lo de novo, é de seu próprio interesse procurar se melhorar; isto não vale mais do que estourar os miolos com um tiro, ao que o conduziria logicamente o pensamento do nada?

Esta crença é, pois, uma causa poderosa e muito natural de moralização; ela é surpreendente para a atualidade e **o fato material das misérias que se suporta, e que, por falta de se poder explicá-las são colocadas à conta da fatalidade**

> **ou da injustiça de Deus**; ela é compreensível para todo o mundo, para a criança e para o homem mais iletrado, porque não é nem abstrata nem metafísica; não há ninguém que não compreenda que se pode já ter vivido e que se já se viveu, pode-se reviver ainda. Uma vez que não é o corpo que pode reviver, é a sanção mais patente da existência da alma, de sua individualidade e de sua imortalidade. ([160])

A "*pena de talião*" é a justiça de Deus agindo a a nosso favor, pois ao sermos "penalizados" pelo mal que fizemos ao próximo, vamos nos esforçando para nos tornamos pessoas melhores.

q) *Obras Póstumas* (1890)

Embora esse livro não tenha sido publicado por Allan Kardec, achamos por bem citá-lo. Entretanto, deixaremos a você, caro leitor, a decisão de considerar ou não os seguintes trechos que dele transcrevemos:

1º) Da resposta relativa à questão das expiações coletivas, assinada pelo Espírito Clélia Dupantier, a quem o Codificador fez referência positiva, lemos:

Graças ao Espiritismo, compreendeis agora a justiça das provações que não decorrem dos atos da vida presente, porque reconheceis que elas são o resgate das dívidas do passado. Por que não haveria de ser assim com relação às provas coletivas? Dizeis que os infortúnios de ordem geral alcançam assim o inocente, como o culpado; mas, não sabeis que o inocente de hoje pode ser o culpado de ontem? Quer ele seja atingido individualmente, quer coletivamente, é que o mereceu. Depois, como já o dissemos, **há as faltas do indivíduo e as do cidadão; a expiação de umas não isenta da expiação das outras, pois que toda dívida tem que ser paga até à última moeda**. As virtudes da vida privada diferem das da vida pública. Um, que é excelente cidadão, pode ser péssimo pai de família; outro, que é bom pai de família, probo e honesto em seus negócios, pode ser mau cidadão, ter soprado o fogo da discórdia, oprimido o fraco, manchado as mãos em crimes de lesa-sociedade. **Essas faltas coletivas é que são expiadas coletivamente pelos indivíduos que para elas concorreram, os quais se encontram de novo reunidos, para sofrerem juntos a *pena de talião***, ou para terem ensejo de reparar o mal que praticaram, demonstrando devotamento à causa pública, socorrendo e assistindo aqueles a quem outrora maltrataram. Assim, o que é incompreensível, inconciliável com a justiça de Deus, se torna claro e lógico mediante o conhecimento dessa lei. ([161]) (itálico do original)

2º) Do capítulo Credo Espírita:

> Ministrando a prova material da existência e da imortalidade da alma, iniciando-nos em os mistérios do nascimento, da morte, da vida futura, da vida universal, **tornando-nos palpáveis as inevitáveis consequências do bem e do mal**, a Doutrina Espírita, melhor do que qualquer outra, põe em relevo a necessidade da melhoria individual. Por meio dela, sabe o homem donde vem, para onde vai, por que está na Terra; o bem tem um objetivo, uma utilidade prática. […]. ([162])

"*Inevitáveis consequência do bem e do mal*", em outras palavras: lei de causa e efeito.

Ao que nos parece isso é da lavra de P. G. Leymarie, mas mesmo não sendo de autoria de Allan Kardec, a nosso ver, bem reflete o seu pensamento.

Fontes após o desencarne do Codificador

Levando-se em conta tudo que acabamos de apresentar, este capítulo, na verdade, nem seria preciso escrevê-lo. Mas, como é provável o surgimento de críticas em contrário, julgamos importante demonstrar que nosso pensamento não é isolado. Em razão disso, apresentaremos algumas poucas fontes que corroboram aquilo que concluímos de tudo que encontramos nas publicações de Allan Kardec.

Inicialmente, traremos duas obras de Léon Denis (1846-1927), continuador do Mestre de Lyon e um dos principais autores espíritas clássicos:

1ª) ***Cristianismo e Espiritismo*** (1898), capítulo "X – A nova revelação. A doutrina dos Espíritos":

> A lei do destino – as precedentes considerações no-la fazem compreender – consiste no desenvolvimento progressivo da alma, que edifica

a sua personalidade moral e prepara, ela própria, o seu futuro; é a evolução racional de todos os seres partidos do mesmo ponto para atingirem as mesmas eminências, as mesmas perfeições. Essa evolução se efetua, alternadamente, no espaço e na superfície dos mundos, através de inúmeras etapas, **ligadas entre si pela lei de causa e efeito**. A vida presente é, para cada qual, a herança do passado e a gestação do futuro. É uma escola e um campo de trabalho; a vida do espaço, que lhe sucede, é a sua resultante. O Espírito aí colhe, na luz, o que semeou na sombra e, muitas vezes, na dor. ([163])

2ª) ***O Problema do Ser, do Destino e da Dor*** (1905), capítulo "XVIII – Justiça e responsabilidade – O problema do mal":

Insistamos na noção de justiça, que é essencial; porque há precisão, necessidade imperiosa, para todos, de saber que a justiça não é uma palavra vã, que há uma sanção para todos os deveres e compensações para todas as dores. Nenhum sistema pode satisfazer nossa razão, nossa consciência, se não realizar a noção de justiça em toda a sua plenitude. Essa noção está gravada em nós, é a lei da alma e do universo. Por tê-la desconhecido é que tantas doutrinas se enfraquecem e se extinguem na presente hora, em redor de nós. Ora, a doutrina das vidas sucessivas é um resplendor da ideia de justiça; dá-lhe realce e

> brilho incomparáveis. Todas as nossas vidas são solidárias umas com as outras e se encadeiam rigorosamente. **As consequências dos nossos atos constituem uma sucessão de elementos que se ligam uns aos outros pela estreita relação de causa e efeito**; constantemente, em nós mesmos, em nosso ser interior, como nas condições exteriores de nossa vida, sofremos-lhes os resultados inevitáveis. Nossa vontade ativa é uma causa geradora de efeitos mais ou menos longínquos, bons ou maus, que recaem sobre nós e formam a trama de nossos destinos. ([164])

Julgamos clara a posição de Léon Denis, quanto a existência da lei de causa e efeito, isso é importante por ter ele vivido na época de Allan Kardec e ser um dos mais destacados continuadores.

Entre os que conheceram mais de perto o Codificador, podemos citar Gabriel Delanne (1857-1926), que de sua obra ***Reencarnação*** (1924), transcrevemos os seguintes trechos:

1º) Capítulo “VII – As Experiências de renovação da memória”, tópico “Uma renovação do passado”:

> O Príncipe Galitzin, o Marquês de B…, o Conde

de R…, estavam reunidos no verão de 1862, nas águas de Hamburgo.

Uma noite, depois de haverem jantado muito tarde, passeavam eles no parque do Cassino, quando perceberam **uma pobre deitada num banco**. Depois de se lhe aproximarem e interrogarem, convidaram-na a vir cear no hotel. Ela comeu com grande apetite, e, pouco depois, **Galitzin, que era magnetizador, adormeceu-a**. Qual não foi, porém, o espanto das pessoas presentes, quando, **profundamente adormecida**, aquela que, na véspera, só se exprimia em mau dialeto alemão, pôs-se a falar muito corretamente em francês, **contando que, por punição, se havia encarnado pobremente, em vista de haver cometido um crime em sua vida precedente, no XVIII século**. Habitava, então, um castelo na Bretanha, à borda do mar. **Tivera um amante, e, querendo desembaraçar-se do marido, lançou-o ao mar, do alto de um rochedo**. Com grande precisão, designou o lugar do crime. ([165])

A pobre mulher adormecida por um magnetizador teve recordação de seu passado, explicando que sua situação atual provém de um crime em uma vida precedente, quando mata um amante.

2ª) Capítulo “XIV – Conclusão”:

> Se as almas devem passar por todas as situações sociais e por todas as condições físicas para desenvolver-se moral e intelectualmente, as desigualdades de toda a natureza, que se verificam entre os seres, compensam-se na série das vidas sucessivas. Cada qual, há seu tempo, ocupará todos os degraus da escala social, o que cria uma perfeita igualdade nas condições do desenvolvimento dos seres; **em virtude da lei de justiça, todos se encontram na condição social que melhor convém ao seu progresso individual, porque todo renascimento é condicionado pelas consequências das vidas anteriores**.
>
> **Toda falta acarreta efeitos inelutáveis**; já mostrei como se opera, de alguma sorte automaticamente, essa justiça distributiva, que é infalível. ([166])

O destaque "*todo renascimento é condicionado pelas consequências das vidas anteriores. Toda falta acarreta efeitos inelutáveis*" é, sem dúvida alguma, a consagração da lei de causa e efeito, pela qual se manifesta a justiça divina.

3ª) Capítulo "XIV – Conclusão", tópico "O esquecimento do passado":

> O olvido dos incidentes de nossas vidas

> anteriores é necessário para que possamos abandonar mais facilmente os erros e preconceitos adquiridos. **A justiça, entretanto, exige que resgatemos nossas faltas, quando as houvermos cometido conscientemente**. Eis por que diz o **Dr. Geley**:
>
> "Cada um de nossos atos, de nossos trabalhos, de nossos esforços, de nossas penas, de nossas alegrias, de nossos erros, de nossas faltas, t**em uma repercussão fatal, reações mentais em uma ou outra de nossas existências**." ([167])

Delanne nesse trecho apresenta o Dr. Geley, que corrobora a lei de ação e reação.

4ª) Capítulo "XIV – Conclusão", tópico "O progresso":

> Daí resulta que **somos criadores de um determinismo ulterior, que será a consequência de nossas ações passadas;** possuímos a possibilidade de modificar nossas existências futuras, no mais favorável sentido, conforme o grau de liberdade moral e intelectual, em relação com o ponto de evolução a que tenhamos chegado. ([168])

Observa-se, claramente, que Delanne é defensor da lei de ação e reação, como vimos nas

transcrições desse seu livro.

Na obra ***Minutos de Sabedoria***, publicada no ano de 1966, Carlos Torres Pastorino, ex-padre, radialista e escritor brasileiro, embora sem qualificar uma das reflexões como Lei de Causa e Efeito, é dela que, sem dúvida alguma, ele fala:

> **Lembre-se de que colheremos, infalivelmente, aquilo que houvermos semeado**.
>
> Se estamos sofrendo, é porque **estamos colhendo os frutos amargos das sementeiras errôneas do passado**.
>
> Fique alerta quanto ao momento presente!
>
> Plante apenas sementes de otimismo e de Amor, para colher amanhã os frutos doces da alegria e da felicidade.
>
> **Cada um colhe, exatamente, aquilo que plantou**. ([169])

Carlos T. Pastorino foi um dedicado estudioso da Doutrina Espírita, os oito volumes de *Sabedoria do Evangelho* bem como o livro *Técnica da Mediunidade* são de sua autoria.

Em ***O Curso Dinâmico de Espiritismo; o***

Grande Desconhecido (1979), o jornalista José Herculano Pires (1914-1979), o capítulo "XV – A trama de ações e reações na vida humana", inicia com o seguinte parágrafo:

> Problema intrigante para muita gente **é das ações e reações de indivíduos e de grupos humanos** em face da teoria do livre-arbítrio. Há quem não consegue entender essa duplicidade contraditória, perguntando como podemos ser responsáveis por atos que já estavam determinados em nosso destino. **Fala-se no *Karma*, palavra indiana de origem sânscrita**, como de um fatalismo absoluto a que ninguém escapa. **A palavra *Karma* não pertence à terminologia espírita, mas infiltrou-se no meio espírita, através das correntes espiritualistas de origem indiana por dois motivos: o seu aspecto misterioso e a vantagem de reduzir ao mínimo a expressão lei de ação e reação. Não há nada de prejudicial nessa adaptação prática de uma palavra estranha, cujo conceito se adapta perfeitamente à expressão espírita**. O prejuízo aparece quando certas pessoas pretendem que **a palavra mantenha entre nós o seu significado conceitual de origem, modificando o sentido do conceito doutrinário**. Segundo o Espiritismo, ação e reação dependem da consciência. A responsabilidade humana decorre das exigências conscienciais e está sempre na razão direta do grau de desenvolvimento consciencial das

> criaturas. Por outro lado, esse desenvolvimento depende das condições de liberdade e do grau de opção de que as criaturas dispõem. Justamente por isso o problema, que parece simples à primeira vista, torna-se bastante complexo quando o examinamos. ([170]) (itálico do original)

Herculano Pires tinha a opinião de que "*Nada acontece por acaso. Tudo resulta da lei de causa e efeito. E todo efeito tem um sentido: o da evolução*" ([171]), para o Espiritismo, existe o princípio da lei de causa e efeito. Quanto à palavra *karma*, não deveria ser aplicada por nós, caso a utilizarmos no conceito sânscrito, mas, segundo esse nobre escritor, "*Não há nada de prejudicial nessa adaptação prática de uma palavra estranha, cujo conceito se adapta perfeitamente à expressão espírita.*"

E para citar fonte espiritual, trazemos duas obras:

1ª) Do capítulo "1 – Temas atuais ([172])" da obra ***Entender Conversando*** (1983), na qual Emmanuel, através do médium Chico Xavier (1910-2002), em 1980, respondeu a várias questões propostas pelo repórter Airton Guimarães, do jornal *Estado de*

Minas. A que nos interessa, é somente esta:

> P – Os espíritas raramente dizem a palavra pecado. Este não existe para a doutrina? […].
>
> R – *Quanto ao pecado,* ***nós temos na Doutrina Espírita a lei de causa e efeito****, que é lei, como dizem* ***os hindus, a lei do carma****. Lei essa* ***pela qual as nossas faltas serão reparadas por nós mesmos****. Nós criamos os nossos próprios impedimentos. Por exemplo, se eu pratico o suicídio nesta vida, naturalmente que na próxima eu devo ressurgir num corpo com as características de sofrimento que eu próprio terei criado para mim. De modo que nós não vamos dizer que não existe o conceito de pecado na Doutrina Espírita, mas os espíritas habitualmente não abusam desta palavra porque nós não podemos desconhecer a misericórdia de Deus em sua própria justiça. Se estamos ainda em uma fase de desenvolvimento e de evolução ainda razoavelmente imperfeita, por que é que a perfeição divina haveria de nos punir com castigos eternos, quando um pai humano promove sempre meios para que o seu filho doente ou faltoso seja amparado com o remédio ou com o socorro psicológico?*
>
> *De modo que nós não consideramos o pecado como sendo uma afronta à bondade de Deus mas, sim, a falta que cometermos, uma afronta feita a nós mesmos, pois cada um de nós carrega em si a presença Divina*. ([173]) (itálico do original)

Sim, é notório que a palavra “carma” vem sendo utilizada no meio espírita, o que para nós não faz a menor diferença desde que a entendamos não com o sentido dos hindus, mas como a aplicação da lei de causa e efeito.

2ª) Em ***15 Vidas Passadas: Mensagens Psicografadas Pela Médium Amália Domingo Rodrigues*** (2015), organizada por Luis Hu Rivas, vamos encontrar as explicações das causas dos sofrimentos e vicissitudes de alguns Espíritos: a situação do encarnado é relatada, segue-se comentário da médium Amália D. Soler (1835-1909) e, finalmente, as explicações do seu guia, Padre Germano.

O caso que nos interessa é o do capítulo “3 – O recém-nascido sem braços e sem pernas”, do qual transcrevemos este trecho da psicografia em que Padre Germano o explica:

> “Pelo fruto conhecereis a árvore”, Jesus dizia, pois cada ser humano que você vê, carregado de cadeias desde o momento do nascimento, você pode deduzir sem a menor dúvida, que de **tudo o que hoje falta, é porque abusou nas suas**

encarnações anteriores.

Se não tem pernas? Sinal que quando ele as tinha-as, serviram-lhe para fazer todo dano possível. Talvez fosse um espião que correu atrás de alguns infelizes, ansioso para acusá-los de crimes que não cometeram. Com as declarações, fez abortar transcendentais conspirações, que quando descobertas antes do tempo produziram muitas vítimas.

Talvez correu para precipitar em um abismo, a seres indefesos que lhe estorvavam em realizar iníquos planos. O ser humano que reencarna com as pernas em falta, tem que tê-las empregado para atormentar seus inimigos. Deve ter sido o flagelo das pessoas que o cercavam.

A falta de membros tão necessários destaca uma crueldade sem limites e um desejo em fazer o mal, impossível de descrever. Alguns instintos tão perversos atestam o prazer de fazer o mal pelo próprio mal. Coitado daquele que nasce sem pernas!

Não tem braços? As mãos são tão úteis à espécie humana, para fazer com elas, as obras de titãs e labores extremamente delicadas. Talvez fossem usadas para assinar as sentenças de morte, que levaram às inúmeras vítimas a forca, principalmente as inocentes.

Talvez tivesse prazer em apertar os parafusos de horríveis instrumentos de tortura, arrancando confissões de infelizes acusados, enlouquecidos pela dor. Quem sabe se escreveu calúnias horríveis, que destruíram a tranquilidade e o amor

de famílias felizes!

Pode-se fazer tanto dano com as mãos! Com elas podemos colocar o pavio, perto dos materiais inflamáveis, e produzir o devorador incêndio. Com elas o forte estrangula o fraco. Com elas podemos esbofetear e tornar uma fera o homem mais pacífico e mais honrado. Com elas se destrói o trabalho de muitas gerações.

Eles são as auxiliares do homem, que fazem maravilhas ou aniquila o que existe. Quando se encarna na Terra sem as mãos, quanto dano deve ter sido feito com elas!

Não há necessidade de particularizar a história deste ou daquele. **Todos os que ingressam na Terra, sem um corpo robusto e bem equilibrado, são os réus condenados à prisão perpétua, que vêm cumprir a pena**, porque não há nenhum recurso contra a sentença que um mesmo assina, no transcurso da sua vida.

[…].

Não duvides. **Os criminosos de ontem** são hoje aleijados, cegos, mudos, idiotas, pessoas sem pernas, sem mãos, os que padecem fome e sede, e **são perseguidos pela justiça**. ([174])

É fatal a lei de causa e efeito: “*Os criminosos de ontem são perseguidos pela justiça*”.

Conclusão

Com um trabalho minucioso de organização e pesquisa a respeito dos comunicantes e fatos relatados, Hércio Marcos Cintra Arantes (1937-2016), agrupa em ***Retornaram Contando*** várias mensagens psicografadas por Chico Xavier de Espíritos a seus familiares. Um deles nos chamou a atenção, porquanto, vem justamente corroborar a existência da lei de causa e efeito.

Trata-se do caso inserido no capítulo “I – Três irmãos no caminho da redenção”, cujos detalhes são:

> Há 23 anos, **o casal Alberto e Angélica Fortunato**, atualmente residente em Ibitinga, SP, passou por uma provação das mais difíceis: num instante, **perderam três filhos menores afogados numa piscina**.
>
> Na época, residiam em São Paulo e foram convidados para passarem o fim de semana na fazenda Bela Vista, que o amigo José, japonês, arrendava em Mogi das Cruzes.
>
> Quando se deu o acidente, naquela fazenda, no dia 4 de dezembro de 1961, não havia nenhum adulto próximo da piscina; lá estavam somente três

filhos do casal Fortunato: **Jair**, com 13 anos de idade, **Osmar**, com 15, **José**, com 16, e um menininho, filho do anfitrião. Sabe-se que Jair, aniversariante do dia, foi o primeiro a entrar na piscina. Logo se afogou, e os seus dois irmãos mergulharam para salvá-lo; debateram-se e morreram juntos, apesar da tentativa de salvamento do japonesinho, com uma vara de bambu.

O choque emocional para as duas famílias foi muito grande, pois um fim de semana feliz e festivo transformou-se em poucos minutos, numa dolorosa tragédia. ([175])

Em 19 de fevereiro de 1982, o casal Fortunato compareceu à reunião pública no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, ocasião em que Chico Xavier psicografa uma mensagem de José Fortunato, um dos filhos do casal, que transcrevemos:

Querida Mãezinha Angélica e querido Papai Alberto, peço-lhes nos abençoem.

Sou eu quem toma o lápis para as notícias.

Creio que as nossas lágrimas recíprocas já lavaram a nossa dor; entretanto, comovo-me ao recordar a despedida tríplice. Quando caímos nas águas da grande piscina, o Osmar, o Jair e eu **estávamos sendo conduzidos pelos Desígnios do Senhor a resgatar o passado que nos**

incomodava.

[…].

Estávamos os três alarmados e infelizes no hospital a que fomos transportados, quando duas senhoras se destacaram dos serviços de enfermagem para nos endereçarem a palavra…

[…].

Aquele instituto devia ser uma casa de pronto socorro como tantas…

Entretanto, as duas senhoras se declararam nossas avós **Maria Justina** e Angélica, e nos informaram, com naturalidade e sem qualquer inflexão de voz agressiva, que havíamos voltado ao Lar, ao Grande Lar de nossa família na Vida Espiritual. Os irmãos e eu choramos, como não podia deixar de acontecer…

[…].

Dois anos passados, fomos visitados por um amigo de nossa família que se deu a conhecer por Miguel Pereira Landim, respeitado e admirado por nossos familiares da Espiritualidade. **Nossa avó Maria Justina nos permitiu endereçar-lhe perguntas e todos os três indagamos dele a causa do sucedido em nossa ida a Mogi**. Ele sorriu e marcou o dia em que nos facultaria o conhecimento do acontecido em suas causas primordiais.

Voltando a nós, na ocasião prevista, **conduziu-nos os três à Matriz do Senhor Bom Jesus, em Ibitinga**. Entramos curiosos e inquietos. A igreja

estava repleta de militares desencarnados. Muitos traziam as medalhas conquistadas, outros ostentavam bandeiras. **Em meu coração passou a surgir a recordação que eu não estava conseguindo esconder. De repente, vi-me na farda de que não me lembrava, junto dos irmãos igualmente transformados em homens de guerra e o nosso olhar se voltou inexplicavelmente para as cenas que se nos desenrolavam diante dos olhos**.

Envergonho-me de confessar, mas a consciência não me permite recuos. **Vi-me com os dois irmãos numa batalha naval**, que peço permissão para não mencionar pelo nome, quando nós, na condição de brasileiros, **lutávamos com os irmãos de república vizinha…**

Afundávamos criaturas sem nenhuma ligação com as ordens belicistas nas águas do grande rio, criaturas que, em vão, nos pediam misericórdia e vida… Replicávamos que em guerra tudo resulta em guerra…

Foi então que o chefe Landim apontou para uma antiga imagem de Jesus, do Senhor Bom Jesus, e falou em voz alta que aquela figura do Cristo viera do forte Itapura com destino à nossa cidade e que, perante Jesus, **havíamos os três resgatado uma dívida que nos atormentava, desde muito tempo**.

Aqueles companheiros presentes passaram a nos felicitar, explicando-nos que se haviam transformado em servidores das legiões de Jesus Cristo. O que choramos, num misto de alegria e

sofrimento, não sabemos contar.

Fique, porém, esta informação para os queridos pais e para os irmãos queridos, a fim de que todos saibamos que a injustiça não é de Deus e que os nossos sofrimentos e provas se efetuam a pedido de nós mesmos, para que a nossa vida espiritual, a única verdadeira, se torne mais aceitável e mais ajustada às Leis Divinas que a todos nos regem.

Queridos pais, aqui estamos com a nossa avó Maria Justina, que nos abençoa, e, agradecendo-lhes por todas as consolações com que nos fortalecem até hoje, com o carinho dos meus irmãos presentes, rogo-lhes receber a vida e o amor, as saudades e as melhores esperanças, do filho que lhes pertencerá sempre diante de Deus,

José Fortunato ([176])

Como nos dois casos citados, quando transcrevemos os trechos das obras da Codificação, tivemos a oportunidade de ver que são os próprios Espíritos, com seus depoimentos e experiências, que vêm corroborar a existência da lei de causa e efeito.

Esta mensagem de José Fortunato é importante pois os elementos contidos nela provam a sua autenticidade. Julgamos que não faz sentido algum aceitá-la como verdadeira apenas nessa parte que

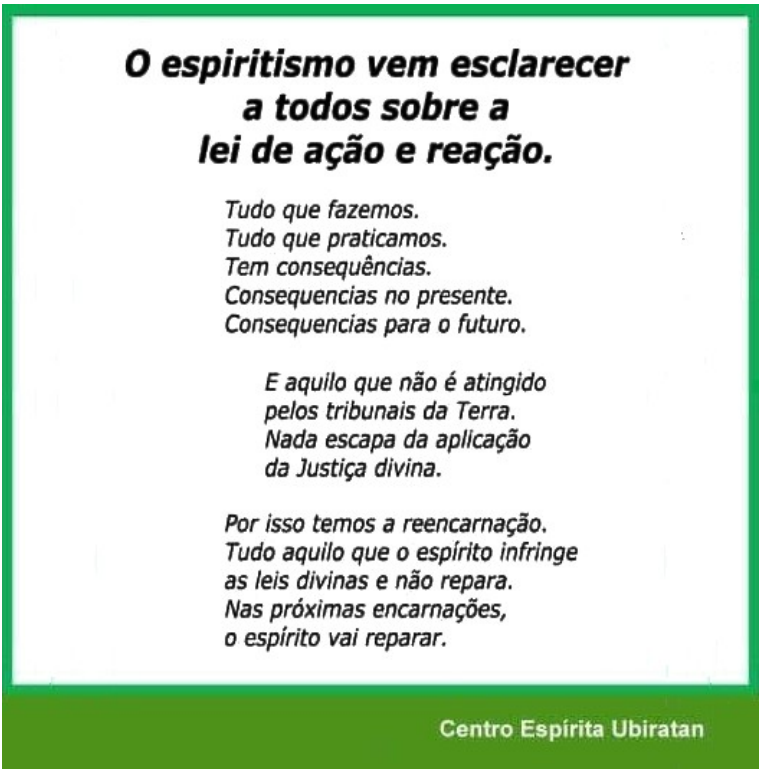
fala de justiça divina. Aliás, se for realizada uma pesquisa bem ampliada se comprovará ser algo comum em muitas mensagens de desencarnados, que, em todas as localidades mundo afora, se manifestam a seus parentes e amigos.

Agora, depois dessa nossa pesquisa, mais do que nunca, temos plena certeza de que a lei de causa e efeito é sim, um dos princípios da Doutrina Espírita. Junto com a lei do progresso e a lei da reencarnação forma um conjunto no qual a justiça divina se manifesta.

Bem disse o profeta Isaías, conforme registra este texto bíblico: *“Se absolvermos o malvado, ele nunca aprende a justiça; sobre a terra ele distorce as coisas direitas e não vê a grandeza de Javé.”* (Isaías 26,10) ([177])

Caso as nossas ações não tivessem nenhuma consequência, certamente, não iríamos evoluir. Só o conseguimos porque passamos a compreender que todas as nossas dores e sofrimentos são frutos de nossos próprios atos. Daí tomamos a resolução de não mais os cometer.

Encontramos esta imagem divulgada na internet ([178]), que, num poema, trata exatamente da lei de causa e efeito. Infelizmente, não há informação sobre sua autoria:



Referências bibliográficas

Bíblia Sagrada – Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.

Bíblia Shedd. 2ª edição. São Paulo: Vida Nova e Barueri (SP): SBB, 2005.

ARANTES, H. M. C. ***Retornaram Contando***. (PDF) Araras (SP): IDE, 2013.

ARGOLLO, D. ***Espiritismo: O Consolador Prometido***. Salvador: ARC, 2004.

DELANNE, G. ***Reencarnação***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

DENIS, L. ***Cristianismo e Espiritismo***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

DENIS, L. ***O Problema do Ser, do Destino e da Dor***. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

KARDEC, A. ***A Gênese***. Rio de Janeiro: CELD, 2010.

KARDEC, A. ***Iniciação Espírita: Livros de Introdução à Teoria e Prática da Doutrina***. São Paulo: EDICEL, 1986.

KARDEC, A. ***O Céu e o Inferno***. (PDF) Rio de Janeiro: CELD, 2011.

KARDEC, A. ***O Céu e o Inferno***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Livro dos Médiuns***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Que é o Espiritismo***. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

KARDEC, A. ***Obras Póstumas***. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1859***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1860***. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1861***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1863***. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1864***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1865***. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1867***. Araras (SP): IDE, 1999.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1868***. Araras (SP): IDE, 1993.

PALHANO JR, L. ***Dicionário de Filosofia Espírita***. Rio de Janeiro: CELD, 2004.

PASTORINO, C. T. ***Minutos de Sabedoria***. 37ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes, s/d.

PASTORINO, C. T. ***Sabedoria do Evangelho – Vol. 2***. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.

PASTORINO, C. T. ***Sabedoria do Evangelho – Vol. 3***. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.

PIRES, J. H. ***Curso Dinâmico de Espiritismo: o Grande Desconhecido***. Juiz de Fora (MG): Comunidade Espírita A Casa do Caminho, 1990.

RIVAS, L. H. (org) ***15 Vidas Passadas: Mensagens Psicografadas Pela Médium Amália Domingo Rodrigues***. Catanduva (SP): Boa Nova Editora, 2015.

UEM, ***O Evangelho (Como, porque e para que estudá-lo à luz da Doutrina Espirita)***. Belo Horizonte: UEM, 1981.

XAVIER, F. C. e PIRES, J. H. ***Na Era do Espírito***. São Bernardo do Campo (SP): GEEM, 1976.

XAVIER, F. C. ***Entender Conversando***. Araras (SP): IDE, 2006.

Internet:

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2020, https://dicionario.priberam.org/expia%C3%A7%C3%A3o. [consultado em 13-11-2020].

Centro Espírita Ubiratan, *O Espiritismo vem esclarecer a todos sobre a lei de ação e reação*, disponível em: https://i.pinimg.com/originals/b5/3a/8f/b53a8f85f6e13f3719bfd93f17843d7e.jpg. Acesso em: 25 abr. 2021.

Imagem “Causa e efeito”: www.luzdoespiritismo.com. Acesso em: 25 abr. 2021.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** – Grupo de Apologética Espírita (https://apologiaespirita.com.br/), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (https://paulosnetos.net) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa;* 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?;* 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas;* 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica;* 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação;* 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I;* 7) *Espiritismo e Aborto; e 8) Chico Xavier: Uma Alma Feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II, 2) Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III;* 3) *Racismo em Kardec?;* 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A*

Reencarnação Tá na Bíblia; 6) *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem);* 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso;* 8) *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?;* 9) *Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta;* 10) Chico Xavier e *Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?;* 11) *A Mulher na Bíblia;* 12) *Todos Nós Somos Médiuns?;* 13) *Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas;* 14) *O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito;* 15) *O Fim dos Tempos Está Próximo?;* 16) *Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves;* 17*) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?;* 18) *A Aura e os Chakras no Espiritismo;* 19) *Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 20) Espiritismo: Religião Sem Dúvida;* 21) *Allan Kardec e Suas Reencarnações*; 22) *Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?*; 23) *EQM: Prova da Sobrevivência da Alma;* 24) *A Perturbação Durante a Vida Intrauterina;* 25) *Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução;* 26) *Reencarnação e as Pesquisas Científicas;* 27) *Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia)*; 28) *Haveria Fetos Sem Espírito?*; 29) *Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos*; e 30) *Herculano Pires Diante da Revista Espírita*.

Belo Horizonte, MG.
e-mail: paulosnetos@gmail.com

1 **Espiritismo Dialético**: é o “Prefácio da obra *Dialética e Metapsíquica*, do filósofo portenho Humberto Mariotti, originalmente publicada pela Édipo – Edições Populares Ltda. em fevereiro de 1951. Republicado em livro por A Fagulha, de Campinas-SP, editora do Movimento Universitário Espírita (MUE), em 1971.”

2 UEM – *O Evangelho*, p. 08.

3 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 77.

4 PALHANO JR, *Dicionário de Filosofia Espírita*, p. 59.

5 ARGOLLO, *Espiritismo: O Consolador Prometido*, p. 84.

6 PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho, vol. 2*, p. 60-61.

7 Bíblia Shedd, p. 1357.

8 PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho*, vol. 3, p. 84.

9 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 438.

10 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 24.

11 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 96.

12 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 103.

13 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 119-120.

14 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 130.

15 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 150.

16 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 131.

17 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 156.

18 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 166.

19 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 166.

20 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 171.

21 KARDEC, O *Livro dos Espíritos*, p. 174.

22 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 175.

23 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 186-187.

24 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 195.

25 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 196.
26 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 202.
27 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 205-206.
28 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 266.
29 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 290.
30 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 290.
31 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 297.
32 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 326.
33 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 331.
34 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 351.
35 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 362.
36 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 364-365.
37 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 399.
38 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 407-408.
39 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 411.
40 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 415.
41 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p.419.
42 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 419-420.
43 KARDEC, *O Livro dos Espíritos,* p. 423.
44 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 428.
45 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 428.
46 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 432.
47 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 435.
48 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 452.
49 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 164.
50 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 301.
51 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 5.
52 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 135.

53 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 155.

54 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 186.

55 *Bíblia Shedd*, p. 1357.

56 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 199.

57 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 202-204.

58 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 214.

59 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 216-217.

60 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 5.

61 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 174.

62 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 293.

63 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 342.

64 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 230.

65 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 272-273.

66 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 288-289.

67 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 291.

68 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 304.

69 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 53-54.

70 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p.67.

71 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 75.

72 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 312.

73 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 343.

74 KARDEC, *Iniciação Espírita: Livros de Introdução à Teoria e Prática da Doutrina,* p. 24.

75 KARDEC, *Iniciação Espírita: Livros de Introdução à Teoria e Prática da Doutrina,* p. 27.

76 KARDEC, *Iniciação Espírita: Livros de Introdução à Teoria e Prática da Doutrina,* p. 31.

77 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 167.

78 KARDEC, *Revista Espírita 1863,* p. 271-273.

79 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 57.

80 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 74-81.

81 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 94.

82 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo,* p. 100.

83 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 123-124.

84 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 127.

85 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 188.

86 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 298.

87 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 304.

88 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 322.

89 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 347.

90 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 350.

91 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 356.

92 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 219-220.

93 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 239-240.

94 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 284-285.

95 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 286.

96 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 315-316.

97 KARDEC, *Revista Espírita 1864,* p. 388.

98 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 399.

99 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 347

100 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 14.

101 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 20-21.

102 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 22.

103 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 228.

104 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 283-284.

105 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 285.

106 KARDEC, *O Céu e o Inferno,* p. 64.

107 KARDEC, *O Céu e o Inferno,* p. 64-65.

108 Nota da transcrição (N.T.): Na 4ª edição, aqui se inicia o capítulo V. (**N.T.**) (= nota do tradutor)

109 KARDEC, *O Céu e o Inferno* (PDF), p. 93.

110 N.T.: Na 4ª edição, este capítulo é o no VI; na 1ª edição é o no VII, possuindo apenas o título "Doutrina das Penas Eternas" e, abaixo dele, o no I. Os subtítulos, portanto, são da 4ª edição. (**N.T.**)

111 N.T.: A 1ª edição não traz este subtítulo, apresenta somente o no II. (**N.T.**)

112 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 105.

113 N.T.: Este capítulo, "As Penas Futuras Segundo o Espiritismo", que é o VIII da 1ª edição, corresponde ao VII na 4ª edição na qual aparece com os subtítulos aqui colocados. (**N.T.**)

114 N.T.: Este título pertence à 4ª edição. (**N.T.**)

115 N.T.: Estes três parágrafos em Tahoma pertencem à 4ª edição. (**N.T.**).

116 KARDEC, *O Céu e o Inferno* (PDF), p. 124.

117 N.T.: A alma que peca é a que morre; o filho não carregará a iniquidade do pai, e o pai não carregará a iniquidade do filho; a justiça do justo estará sobre ele e a impiedade do ímpio estará sobre ele. (Ezequiel, XVIII: 20.) (N.A.)

118 KARDEC, *O Céu e o Inferno* (PDF), p. 126.

119 Ver no cap. VI, "O Purgatório", o item 3 e os seguintes; e na 2a parte, o cap. VIII, "Exemplos de expiações terrestres." Ver também em *O Evangelho Segundo o Espiritismo,* o cap. V, "Bem-aventurados os aflitos." (N.A.) • Este parágrafo e a nota de rodapé pertencem à 4a edição. (**N.T.**)

120 KARDEC, *O Céu e o Inferno* (PDF), p. 128-129.

121 N.T.: Este trecho em Tahoma pertence à 4a edição. (N.T.)

122 KARDEC, *O Céu e o Inferno* (PDF), p. 129-130.

123 KARDEC, *O Céu e o Inferno* (PDF), p. 115.

124 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 230.

125 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 251.

126 N.T.: Mateus, VIII: 12. (**N.T.**)

127 N.T.: Idiota: aquele que sofre de idiotia, atraso intelectual profundo, caracterizado por ausência de linguagem e nível mental inferior ao da idade normal de três anos e muitas vezes acompanhado de malformações físicas. (**N.T**. segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

128 KARDEC, *O Céu e o Inferno* (PDF), p. 323-325.

129 KARDEC, *O Céu e o Inferno* (PDF), p. 332.

130 KARDEC, *O Céu e o Inferno* (PDF), p. 334.

131 KARDEC, *O Céu e o Inferno* (PDF), p. 362.

132 N.T.: escarcela: grande saco ou bolsa de couro que se usava, outrora, presa à cintura. (N.T.)

133 KARDEC, *O Céu e o Inferno* (PDF), p. 420-421.

134 N.T.: **Lei de talião**: remonta à legislação mosaica, trata-se de uma pena pela qual a punição do delito era fazer o delinquente passar pelo mesmo mal que havia praticado. (N.T.)

135 KARDEC, *O Céu e o Inferno* (PDF), p. 427.

136 KARDEC, *O Céu e o Inferno* (PDF), p. 435.

137 KARDEC, *O Céu e o Inferno* (PDF), p. 436-437.

138 KARDEC, *O Céu e o Inferno* (PDF), p. 437-438.

139 KARDEC, *O Céu e o Inferno* (PDF), p. 438.

140 KARDEC, *O Céu e o Inferno* (PDF), p. 439.

141 KARDEC, *O Céu e o Inferno* (PDF), p. 440.

142 KARDEC, *O Céu e o Inferno* (PDF), p. 442.

143 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 144.

144 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 211.

145 N.T.: Este artigo é extraído de uma obra nova que colocamos neste momento no prelo e que aparecerá antes do fim deste ano. Uma razão de oportunidade nos levou a publicar por antecipação este extrato na Revista; apesar de sua extensão, acreditamos dever inseri-lo em uma só vez para não interromper o encadeamento das ideias. A obra inteira será do formato e do volume de O *Céu e o Inferno*. (KARDEC, *Revista Espírita 1867,* p. 257)

146 Na verdade, esse artigo passou a ser o Cap. I – Caráter da Revelação Espírita de *A Gênese.* (KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 257)

147 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 268.

148 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 271.

149 KARDEC, *A Gênese*, p. 40-41.

150 KARDEC, *A Gênese*, p. 84.

151 KARDEC, *A Gênese*, p. 253.

152 KARDEC, *A Gênese,* p. 339-340.

153 KARDEC, *A Gênese*, p. 343-344.

154 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 30.

155 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 73.

156 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 75-76.

157 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 144.

158 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 158.

159 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 184.

160 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 307-308.

161 KARDEC, *Obras Póstumas,* p. 240-241.

162 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 427.

163 DENIS, *Cristianismo e Espiritismo*, p. 220.

164 DENIS, *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, p. 294.

165 DELANNE, *Reencarnação*, p. 169.

166 DELANNE, *Reencarnação*, p. 305.

167 DELANNE, *Reencarnação*, p. 306.

168 DELANNE, *Reencarnação*, p. 309.

169 PASTORINO, *Minutos de Sabedoria*, p. 4.

170 PIRES, *Curso Dinâmico do Espiritismo: o Grande Desconhecido*, p. 107.

171 XAVIER e PIRES, *Na Era do Espírito,* p. 31.

172 N.T.: Entrevista concedida ao repórter Airton Guimarães, para o jornal *Estado de Minas*, de Belo Horizonte, MG, que constituiu a 3ª e 4ª partes de uma longa e minuciosa reportagem, distribuída nas edições de 8,9, 10 e 13/7/1980, intitulada “Chico Xavier, um homem chamado Amor”, que focalizou, com dezenas de fotos, todo o trabalho espiritual e assistencial realizado nos fins de semana no Grupo Espírita da Prece e na Vila do Pássaro Preto, em Uberaba, Minas.

173 XAVIER, *Entender Conversando*, p. 26-27.

174 RIVAS, *15 Vidas Passadas*, p. 58-59.

175 ARANTES, *Retornaram Contando*, p. 4.

176 ARANTES, *Retornaram Contando*, p. 5-8.

177 *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 970.

178 Centro Espírita Ubiratan, *O Espiritismo vem esclarecer a todos sobre a lei de ação e reação*, disponível em: https://i.pinimg.com/originals/b5/3a/8f/b53a8f85f6e13f3719bfd93f17843d7e.jpg